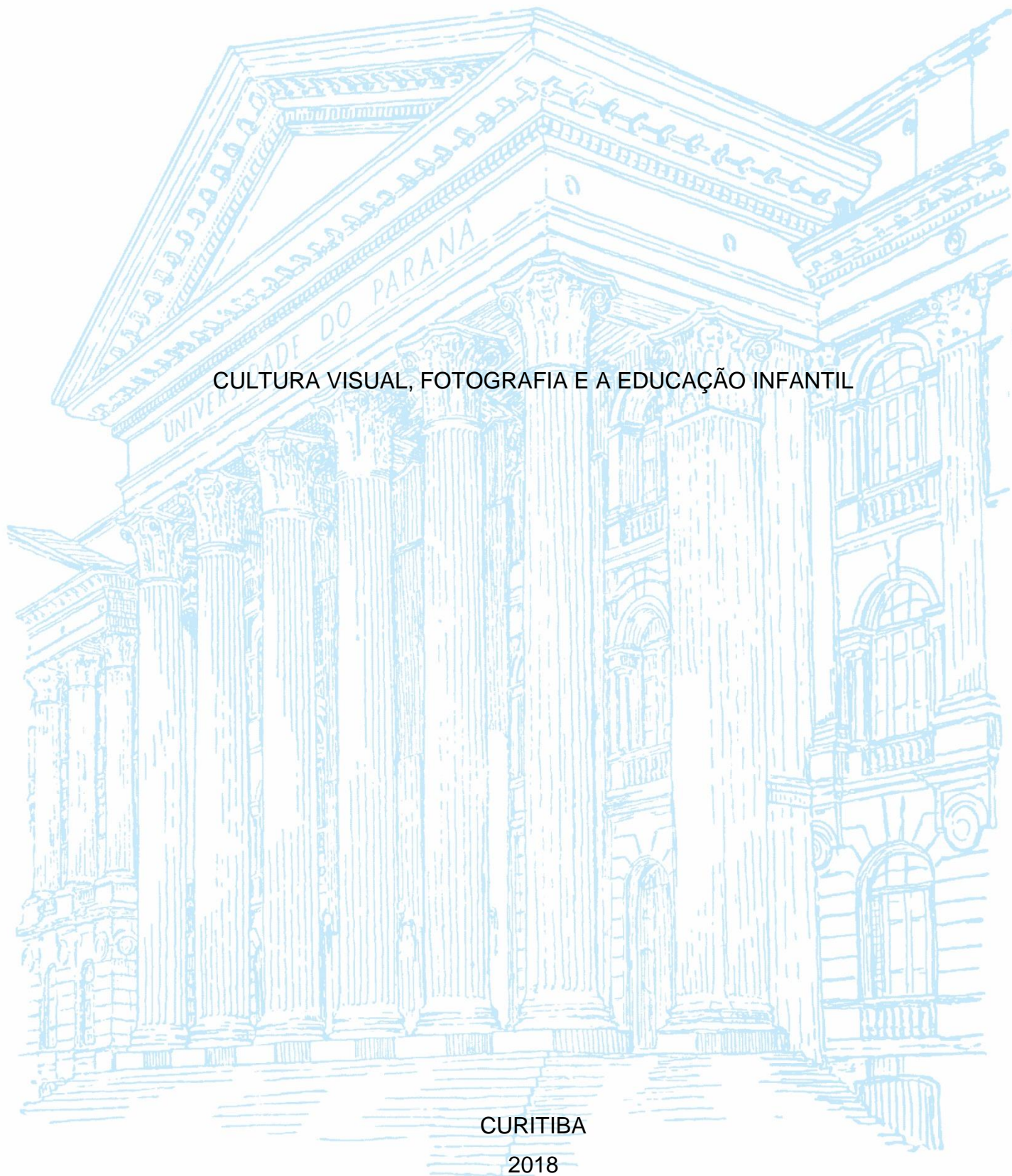


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LARISSA MONFRON

CULTURA VISUAL, FOTOGRAFIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL



CURITIBA

2018

LARISSA MONFRON

CULTURA VISUAL, FOTOGRAFIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Pedagoga no curso de Graduação em Pedagogia, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andréa Bezerra Cordeiro

CURITIBA

2018

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos àqueles que contribuíram de alguma forma para que eu conseguisse chegar até aqui. A caminhada não foi fácil, encontrei obstáculos pelo caminho, mas com as pessoas certas que estiveram ao meu lado, a caminhada se tornou mais leve.

Gostaria de agradecer à minha orientadora, Andréa Cordeiro, que com muita paciência e alguns puxões de orelha me conduziu para a realização deste trabalho: sem o seu auxílio tenho certeza que não chegaria até aqui.

Agradeço também a Prof.^a Dr.^a Gizele de Souza que me ensinou muito em sua disciplina e optativas, e também por se colocar disponível para avaliar meu trabalho e dessa forma contribuir na construção do meu conhecimento.

Agradeço imensamente à Escola Semeador do Saber, que abriu as portas da instituição para que pudesse concluir minha pesquisa. Agradeço também ao Edu Camargo e à Laiz Zotovici, que foram solícitos desde o primeiro contato: desde as conversas online até a pessoal.

Gratidão aos meus pais, Sílvia e Celso, por terem me ajudado a trilhar o caminho até aqui, me dando forças e palavras para que continuasse persistente na caminhada; minhas irmãs, Mi e Fran, pelo incentivo, preocupação, ajuda na tradução e também pelos momentos de diversão e desabafos durante o percurso.

Ao meu tio Luís, tia Lourdes e tia Sirlei, por entenderem a complexidade do trabalho e me auxiliarem com as demais atividades, proporcionando maior tempo para me dedicar ao presente estudo.

Agradeço aos meus sobrinhos, Gabriel e Beatriz, que ao serem bagunceirinhos e tão amáveis me fizeram sorrir, divertir e me distrair. Agradeço imensamente a eles também, por me mostrarem que o mundo pode e deve ser melhor, se não por mim, por eles.

Gratidão aos meus queridos amigos, Guida e Mauri, que sempre estiveram ao meu lado, desde o início da graduação: me apoiando, incentivando, sendo meu refúgio e ombro amigo quando tudo parecia não estar bem.

Gratidão também ao Heryc, que da sua forma meio atrapalhada e bagunçada, bagunçou a minha vida de uma maneira positiva, me fazendo sentir uma mulher muito especial em meio a tantos problemas! Bem como por estar sempre disponível a me ajudar.

Agradeço aos catequistas, catequizandos e todos os envolvidos nesta pastoral, por entenderem minha ausência em certos momentos e por me darem palavras amigas quando eu estava confusa e atarefada. Agradeço em especial ao Gu Bazani e a Ju Zanoto, meus auxiliares de turma, que em minhas ausências, prepararam os encontros de maneira invejável e me ajudaram muito durante os encontros e outros momentos.

Agradeço aos participantes do Grupo de Jovens Força Jovem Sagrada Família, por entenderem minha ausência neste segundo semestre.

Aos meus amigos, aos que passaram, aos que chegaram e aqueles que permaneceram em minha vida nestes anos de formação. Que me apoiaram e me ajudaram a enfrentar os momentos difíceis, com sorrisos, abraços sinceros e conversas aleatórias.

Agradeço de forma especial, às minhas amigas Laís Vieira, Manu Heck e Ste Brero, que entenderam minha ausência durante este ano e mesmo assim não desistiram e insistiam em me chamar: fosse para dançar, conversar, desabafar ou perguntar como estava o encaminhamento do presente trabalho.

Agradeço também às minhas amigas de estágio de Organização do Trabalho Pedagógico, Duda Nakid, Ju Gomes e Paty Siqueira, que me deram suporte quando precisei e que estavam ao meu lado durante as angústias e desafios.

Gostaria de agradecer ao meu *nonno* Pedro e à minha – eterna – *nonna* Maria Laurita, que sempre me incentivaram perguntando o que eu estava estudando; ao dizerem que deveria me dedicar aos estudos e me formar, e ao falar - sempre que me viam chegando em casa tarde – “isso, estude bastante para ser alguém na vida”.

Agradeço imensamente a todos que, de alguma forma, me ajudaram a chegar até aqui, por meio de incentivos, palavras amigas ou até mesmo por pensamentos positivos e boas intenções: tudo isso me deu mais forças para continuar e chegar onde estou.

Por fim, e talvez o mais importante, gostaria de agradecer a Deus e seus anjinhos, que sempre estiveram comigo, me dando forças quando achei que já não tinha mais. E agradeço, ainda, à minha *nonna* - que há um ano se tornou uma estrelinha – por iluminar meu caminho, a construção deste trabalho bem como todos os meus passos.

Cem sempre cem
modos de escutar
as maravilhas de amar.
Cem alegrias para cantar e compreender.
Cem mundos para descobrir.
Cem mundos para inventar.
Cem mundos para sonhar.

Malaguzzi, 1997

RESUMO

A sociedade está cada vez mais imersa e suscetível às imagens e sem uma interpretação das mesmas, corremos o risco de ficar alienados. Desta forma, o objetivo deste trabalho é discutir o uso da fotografia com base nos estudos da Cultura Visual evidenciando que, articulados às demais linguagens da escola, favorecem um desenvolvimento crítico, criativo, cognitivo e social dos indivíduos envolvidos. A pesquisa foi construída a partir do estudo de referenciais teóricos, como por exemplo, Fernando Hernández (2007), que defende os múltiplos alfabetismos, no qual as crianças devem ser alfabetizadas em todos os aspectos, desde a escrita à imagem; defende também o alfabetismo visual crítico, onde os sujeitos devem ser auxiliados a interpretar as diversas facetas que as imagens proporcionam; e Douglas Kellner (2001), que correlaciona as imagens utilizadas nas mídias com a construção da identidade dos sujeitos, focando que as imagens auxiliam na “construção do eu”. Após as análises dos diversos teóricos, foi observada a Base Nacional Comum Curricular e a Diretriz Curricular Nacional da Educação Infantil, levantando possibilidades do trabalho com fotografia na Educação Infantil. A fim de demonstrar como a fotografia auxilia em um estudo visual crítico na atualidade, foi realizada uma pesquisa de campo de caráter semi-estruturado com a oficina de Fotografia Fotobrancante, que acontece em uma escola de Educação Infantil de Curitiba, no período da manhã. As entrevistas foram efetivadas com os idealizadores do projeto e uma professora da instituição, também observou-se uma das aulas do Projeto. Tomando como base os referenciais teóricos e os dados observados e coletados nas entrevistas, concluiu-se que a fotografia, utilizada com o viés dos estudos da Cultura Visual, pode auxiliar no desenvolvimento dos alunos, de modo que não se tornem passivos, mas críticos e criativos em sua relação com a Cultura Visual.

Palavras-chave: Fotografia. Estudos da Cultura Visual. Educação Infantil.
Alfabetismo Visual Crítico. Desenvolvimento Crítico.

ABSTRACT

Society is increasingly immersed and susceptible to images. Without a proper interpretation of them, society and the individual can become alienated. Therefore, the objective of this study is to discuss the use of photography as part of the Visual Culture as a discipline in school which helps with the critical, cognitive and social development of the students. This paper is based on the study of theoretical references such as Fernando Hernández (2007) who advocates multiple literacy (children must be literate in all aspects, from writing to image) and visual literacy (kids must be stimulated to interpret the many different scenarios that the same image provides) and Douglas Kellner (2001), who affirms that the images provided by the media have immense influence in individual identity and in the "construction of the self". After analyzing the National Curricular Common Base and the National Curricular Direction of Early Childhood Education, I observed possibilities to work with photography in Early Childhood Education. I conducted a field study to investigate if photography influences the critical development of students. The field study was conducted at Fotobrincante Photography, which takes place in the morning at a Kindergarten School in Curitiba. For the study, I interviewed a Fotobrincante's teacher, the funders of the organization and I also observed one of the classes. Based on the theoretical references and the findings of the field study, I concluded that photography, when properly utilized as part of the Visual Culture study, can help the students' overall development. With proper interpretation, photography has the potential to help the students become more critical of the reality that surrounds them.

Key-words: Photography. Visual Culture Study. Childhood Education. Critic Visual Literacy. Critical Development.

LISTA DE FIGURAS

FOTO 1 – Edu (Oficina Fotobrancante) conversando com as crianças	49
FOTO 2 – Modelo do Amplificador	50
FOTO 3 – Crianças desenhando sua sombra	53
FOTO 4 – Criança complementando seu desenho	55
FOTO 5 – Desenho das crianças (auto retrato)	55

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVOS DA PESQUISA	11
1.1.1	Objetivo Geral:.....	11
1.1.2	Objetivos Específicos:	12
2	CULTURA VISUAL E AS MÍDIAS	16
2.1	IMAGEM	17
2.2	CULTURA VISUAL	19
2.3	IMAGEM E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE.....	21
3	PROPOSTAS CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO MUDIÁTICA INFANTIL.	24
3.1	DCNEI, BNCC, ESTUDOS DA CULTURA VISUAL E A FOTOGRAFIA.....	28
3.1.1	O eu, o outro e o nós	29
3.1.2	Corpo, gestos e movimentos	30
3.1.3	Traços, sons, cores e formas	32
3.1.4	Oralidade e escrita.....	34
3.1.5	Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.....	35
3.2	POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS	37
3.2.1	Outra possibilidade: as fotografias como narrativa da própria história	38
4	CULTURA VISUAL, EDUCAÇÃO E FOTOGRAFIA: UM ELO ENTRE A TEORIA E A ESCOLA	41
4.1	PROJETO FOTOBRINCATE: OBSERVAÇÕES SOBRE A CULTURA VISUAL NA PRÁTICA COM CRIANÇAS.....	42
4.1.1	Uma aula do Projeto Fotobrancante	48
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS	61
	APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIOS APLICADOS	64
	PROJETO FOTOBRINCANTE	64
	PROFESSORA.....	65
	APÊNDICE 2 – CARTA DE APRESENTAÇÃO E AUTORIZAÇÃO	66
	TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ALUNOS	66

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA IDEALIZADORES DO PROJETO E PROFESSORA.....	67
APÊNDICE 3 - TRANSCRIÇÕES	68
AULA DE FOTOGRAFIA	68
ENTREVISTA COM O PROJETO	76
ENTREVISTA COM A PROFESSORA.....	86

1 INTRODUÇÃO

A cultura imagética está permeando todos os ambientes, meios e também a escola, que como parte constitutiva da cultura e da sociedade, deve estar presente e atualizada. Considerando estas duas dimensões (escola e cultura imagética), penso que esta pesquisa seja relevante para evidenciar e refletir sobre o papel das imagens fotográficas como uma forma de expressão-, uma possibilidade educativa junto às crianças pequenas - e uma interface com a sociedade.

A escola como local de socialização e aprendizagem possui um papel muito importante no desenvolvimento das crianças. Em meio à sociedade complexa e midiática, considero importante explorar um pouco mais sobre as maneiras que a fotografia, uma linguagem tão presente na realidade atual, pode ajudar o professor e as crianças no processo de ensino/aprendizagem e socialização, sob a luz dos estudos da Cultura Visual.

Visto que a linguagem fotográfica é presente no cotidiano das crianças, acredito que o entendimento do que é Cultura Visual e os seus desdobramentos é uma importante ferramenta para que a escola seja um lugar de grande potencial de contato qualificado com múltiplas experiências e linguagens. Conhecer melhor a Cultura Visual e suas possibilidades na escola pode auxiliar a pensar em um projeto de alfabetização visual, onde as crianças aprendam, de forma lúdica, a centralizar seu olhar em assuntos significativos; a estimular o pensamento e o raciocínio; criar consciência do “eu” e despertar o entendimento na prática de valores sociais, democráticos e civis. Pontos esses que podem ser trabalhados a partir da leitura e produção de imagens.

1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA

Desta forma traço como objetivos da pesquisa:

1.1.1 Objetivo Geral:

- Discutir o estudo da fotografia sob a luz da Cultura Visual como possibilidade expressiva na Educação Infantil, capaz de desenvolver diversos aspectos intelectuais, criativos e sociais nos indivíduos envolvidos.

1.1.2 Objetivos Específicos:

- Levantar referenciais teóricos que fundamentam a relação entre a Cultura Visual, fotografia, sociedade e a cultura infantil;
- Examinar a Base Nacional Comum Curricular e a Diretriz Curricular Nacional da Educação Infantil com enfoque em buscar compreender possibilidades de abordagens relacionadas à fotografia;
- Discutir fotografia como possibilidade de produção cultural na Educação Infantil;
- Evidenciar como ocorre a inserção da fotografia, em projetos curriculares e extracurriculares;

Segundo Fernando Hernández (2007), a Cultura Visual é construída a partir do sentido que a criança vai estabelecendo na sua vivência. Para Alvarado et. al. (2010), a fotografia pode ajudar a ampliar a visão de mundo, auxiliando a direcionar o olhar da criança para aspectos que causem maior reflexão social, crítica e democrática, bem como coopera para a sua emancipação.

A facilidade de acesso aos dispositivos utilizados na produção do audiovisual pelas crianças amplia categoricamente seu acesso à cultura imagética. A fotografia quando produzida pela criança pode nos mostrar o seu olhar perante o local, suas impressões, percepções e a importância que ela dá ao mesmo. Ela possibilita a expressão de sentimentos e concepções.

O professor por sua vez também pode, através da fotografia dos alunos e por eles feitas, identificar abordagens mais interessantes a serem trabalhadas com as crianças e encontrar meios diferentes de aguçar a sua curiosidade. Por meio das fotografias o professor pode demonstrar outro uso da tecnologia como também pode se aproximar de diferentes olhares das crianças sobre o meio.

Incorporar a fotografia nas práticas em sala de aula é um projeto desafiador e ao mesmo tempo muito relevante para a emancipação das crianças. Por um lado, como professores somos confrontados por nosso papel de “detentor do conhecimento” e pelo medo de não controlar a turma, por outro, ao se dispor em ajudar na autonomia da criança, ajudamos a construir um pensamento mais engajado socialmente e culturalmente. A fotografia deve ser pensada como um modo de aproximar o professor do aluno, de maneira horizontal, onde ambos possuem conhecimentos e estão dispostos a aprender e ensinar.

O embasamento teórico desta pesquisa se deu a partir da leitura dos autores Fernando Hernández; Douglas Kellner; Adriana Fresquet; Jorge Larrosa e outros, que discutem a relação entre a Cultura Visual, fotografia e infância.

Fernando Hernández discorre sobre o surgimento de um novo modo de pensar e estudar as mídias, método este que chama de estudo da Cultura Visual. Ele define como um estudo não restrito apenas à escola, mas a todos os meios que as imagens percorrem. A Cultura Visual consistiria em um estudo a respeito das mídias, de como moldam e mudam os referenciais das pessoas com o passar do tempo. Hernández fala também que as mídias ajudam na “formação do Eu”. Nesta mesma perspectiva, Douglas Kellner (2001) diz que a mídia ajuda a moldar a identidade das pessoas. Segundo o autor, as mídias, por meio da representação artificial e a identificação com os programas assistidos, ajudam a moldar e a (re)construir a identidade de quem assiste.

Ainda nesta ideia de formação do “eu”, mas sob outra perspectiva sobre as mídias, Ramos e Teixeira (2010), influenciadas pelo livro Hipótese-Cinema de Alain Bergala (2008), expõem que o cinema - e estendo à fotografia - quando utilizado de maneira diferenciada da imposta pelas mídias, causa reflexões e mudanças nos indivíduos envolvidos. Bergala diferencia o cinema comercial, considerado cinema de consumo, do cinema de criação – perspectiva que adotei nesta pesquisa.

Ambos os autores concordam sobre a importância da utilização do audiovisual nas salas de aula, não restrito às aulas de Artes, isto é, concebem que o trabalho com imagens deve ocorrer em todas as áreas de conhecimento durante momentos diversos e não apenas uma ou duas vezes ao ano.

Pensando a fotografia, e baseando-se na concepção de Hernández (2007) sobre os múltiplos alfabetismos, ela também pode ser proposta nos múltiplos espaços escolares bem como em todas as áreas de ensino, desde as ciências à matemática, de modo que interdisciplinarmente assuntos como a sombra, o enquadramento e o enredo sejam estudados e experimentados.

Bergala (2018 apud RAMOS e TEIXEIRA, 2010) lembra que o cinema e o trabalho com imagens não deve ser mais uma tarefa obrigatória ao professor, mas deve fazer parte da sua didática. Da mesma forma, nesta pesquisa vamos analisar a fotografia como mais uma linguagem possível para o ensino/aprendizagem dos alunos. Linguagem esta que não deve ser considerada como uma tarefa obrigatória,

mas um meio de compartilhamento de conhecimento prazeroso entre os alunos com o professor e vice-versa.

A criação de uma foto vai muito além do momento de pegar a câmera e clicar, envolve um extenso processo anterior e posterior. A criação inicia-se pelas conversas, pela percepção do diferente, pelo questionamento do desconhecido e do que nos parece comum; passa pela percepção das sombras, do enquadramento, do que irá ser focado e do que será retirado da foto. E então se clica. Após, existe a reflexão do que foi registrado, de como foi registrado e dos diversos sentidos que aquela fotografia pode ter. Neste processo, o professor deve caminhar junto com os estudantes, assumindo um papel de “*ensinante*” / “*aprendente*” (expressão utilizada por Alicia Fernández apud FRESQUET, 2013, p. 21) bem como os alunos devem assumir um papel de “*aprendente*” / “*ensinante*”, isto é, ao mesmo tempo em que aprendem, ensinam mutuamente.

Jorge Larrosa (2002) escreve que a escola deve ser um lugar que suscite nas crianças a vontade de experimentar. Ele completa dizendo que após intensas aprendizagens este “*experimental*” ajuda as crianças a desenvolverem diferentes perspectivas e a ampliar seus repertórios.

As experiências, segundo Larrosa (2002), não podem ser construídas socialmente por alguns e passadas narrativamente para os demais. Elas são formadas com e no contato com o outro, a partir de relações mútuas; dizem a respeito do modo que lidamos com os fatos que ocorrem: como estes fatos nos afetam e o que suscitam em nós.

Concordando com Larrosa (2002), Fernando Hernández (2007) elucida que todas as crianças estão em processo de desenvolvimento de saberes culturais e por isso devem ser amparadas de modo que consigam desenvolvê-los de maneira crítica e respeitando a autonomia de cada um. O autor afirma que as crianças devem adquirir um alfabetismo visual crítico (p. 23 - 24), que pode ser construído a partir de textos orais, auditivos, visuais, críticos, escritos, corporais, bem como por intermédio das linguagens imagéticas - que carregam as representações tecnológicas da sociedade atual.

Adriana Fresquet (2007) confirma a ideia de Larrosa a respeito da “*construção do eu*”, ao defender que a vivência do cinema, como recurso audiovisual, ajuda a personalizar as aprendizagens e colabora para produzir e renovar a cultura individual no coletivo. Nesta perspectiva, a fotografia também

contribui no reconhecimento do eu. Segundo Brandimiller (2011), por meio do retrato e do autorretrato a criança percebe-se no espaço, se reconhece e amplia subsídios para construir sua identidade. Para além disso acredito que a fotografia, em especial o retrato, possa também servir como motivadora no reconhecimento das particularidades pessoais e no reconhecimento e respeito das particularidades do outro.

O desenvolvimento desta pesquisa se deu através da pesquisa bibliográfica de obras que abordam a importância da Cultura Visual e da fotografia na educação; foram analisados também textos que ponderam sobre a importância da arte na infância e como esta colabora para a participação infantil na formação cultural e de imagens; em um segundo momento foi realizado uma entrevista com os idealizadores do Projeto Fotobrancante, uma oficina de fotografia para crianças, idealizada pelos fotógrafos Edu Camargo e Laiz Zotovici;

Também foi realizada a observação de uma das aulas do Projeto Fotobrancante e uma entrevista com uma professora da instituição, a fim de observar os possíveis desdobramentos que a fotografia pode alcançar dentro de sala de aula e como estes auxiliam no desenvolvimento das crianças.

As questões que guiaram esta entrevista foram pensadas a partir dos objetivos a serem alcançados nesta pesquisa. Dessa forma, a entrevista é de caráter semi-estruturada, de modo que o entrevistador formulou perguntas previamente como um roteiro norteador e conforme a necessidade realizou demais perguntas. As entrevistas e a observação foram registradas por meio de um gravador de voz e posteriormente transcritas. Durante a observação da aula, foi utilizada uma câmera para fotografar alguns momentos da aula.

2 CULTURA VISUAL E AS MÍDIAS

O nosso repertório cultural é constituído desde o nascimento e modificado com o passar dos anos. Ele é formado por textos, sons, sensações e, predominantemente, por imagens que absorvemos de maneira despercebida – por meio da televisão, computador, mídias diversas e tantos outros meios.

Assim como a produção de imagens cresceu, o interesse por elas também aumentou, favorecendo o surgimento dos estudos da Cultura Visual, um novo campo do conhecimento.

O mercado fotográfico teve seu pontapé inicial muito restrito a uma população mais abastada e dedicada, devido a seu exacerbado tamanho e preço. Mas isto não demorou muito para mudar, com o rápido desenvolvimento das indústrias, as máquinas fotográficas foram compactadas e a população pode adquiri-las:

Em época recente, a fotografia tornou-se um passatempo quase tão difundido quanto o sexo e a dança- o que significa que, como toda forma de arte de massa, a fotografia não é praticada pela maioria das pessoas como uma arte. É sobre tudo um rito social, uma proteção conta a ansiedade e um instrumento de poder. (SONTAG, 2004, p.18)

Ao mesmo tempo em que a imagem possui a capacidade de registrar os momentos e tornar as lembranças mais reais, ela extrapola o papel de registro e passa a fazer uma superexposição das pessoas ali captadas, por meio das mídias, notícias e demais meios. Pensando isto em relação à infância, esta exposição está cada vez mais presente e suscetível aos pequenos; as redes sociais são um exemplo clássico e presente na vida de seus pais e consecutivamente, em suas vidas.

A infância é capturada desde o surgimento da fotografia, onde ela era usada quase que exclusivamente para registros familiares. Atualmente as crianças também estão presentes em fotografias, mas assumem um papel de exposição maior. São fotografadas em diversos ambientes, inclusive nos familiares, e algumas, muitas, são exibidas em redes sociais assim como, por vezes, podem aparecer em revistas, jornais e matérias diversas nos meios eletrônicos.

A fotografia é utilizada nos meios eletrônicos e impressos para estampar notícias e reportagens, trazendo mais visibilidade para as mesmas. Com o passar

dos tempos, as notícias começaram a diversificar o uso da fotografia em seus meios. Atualmente, as capas de jornais e de noticiários são estampadas com imagens referentes a cenas impactantes e fortes, seguidas de um *slogan*. Nestes casos, a foto chama mais a atenção do que o *slogan*, prendendo o leitor ao assunto, ou, no caso da visualidade infantil, este método de impacto instantâneo, causa um resultado negativo.

Confúcio escreveu um ditado que dizia “uma imagem vale mais que mil palavras” o qual me faz pensar e refletir sobre até que ponto é necessário utilizar-se de uma imagem para concretizar um fato ruim que aconteceu a outrem. Banalizamos progressivamente os fatos, desde os assuntos mais tolos aos sérios, e este segundo está se tornando tão corriqueiro que, segundo Cordeiro (2012, p. 7), nosso olhar e nossas reações estão ficando anestesiados.

Surge então a necessidade de um estudo a respeito da sociedade, das transformações e impactos possíveis advindos das práticas visuais. E nesta conjuntura, nasce a Cultura Visual estritamente ligada à imagem. Onde para compreender a primeira precisamos entender a segunda.

2.1 IMAGEM

A imagem é percebida pela visão, grande responsável pela percepção do mundo. Segundo Cardoso (2010), a imagem é importante na construção do conhecimento humano, onde os recursos visuais disponíveis deveriam ser apreendidos, decifrados e compreendidos, colaborando para a comunicação e informação entre os sujeitos. Mas muitas das vezes, a imagem é interpretada e compreendida de maneira intuitiva. (p. 16).

Encontramos imagens nos mais diversos lugares como, por exemplo, em desenhos, filmes, cinema, cartazes, assim como também em locais que não foram planejados, como as paisagens naturais. Ainda sobre imagens, podemos nos lembrar das imagens abstratas, que seriam os sonhos, desejos, memórias, fantasias.

Com uma diversidade tão grande de termos e possíveis percepções de imagem, existe uma quantidade parecida de definições que podem surgir para esta palavra. Ainda segundo Cardoso,

Pela etimologia, a palavra imagem vem do latim *Imago*, que quer dizer semelhança, representação retrato. Em grego antigo corresponde ao termo *Eidos*, raiz etimológica da palavra *Ideia*. Ao se consultar um dicionário é possível encontrar tantas definições que só confirmam a diversidade de significações que o termo imagem pode assumir. (...) (CARDOSO, 2010, p. 17).

Dentre tantas definições, irei basear este trabalho na concepção pós-estruturalista, que concebe a imagem como meio inesgotável de significado. Nesta concepção, segundo Foucault (1999, 2001 apud CARDOSO 2010, p. 27-28), ao se observar uma imagem, você não deve realizar uma mera descrição do conteúdo. “Ao analisar um quadro, constrói uma rede de relações e faz da pintura uma metáfora para pensar questões sociais e históricas – tanto da época clássica quando da atual”.

O pós-estruturalismo - aqui exponho sobre as concepções cinematográficas - surgiu baseado nas ideias de Robert Venturi, entre as décadas de 1960 e 1970. Autores como Robert Stern, Jaquelin Robertson, Charles Moore, Giurgola e Alan Greenberg¹ ajudaram a difundir seus pensamentos. Segundo Sanchez (2012), Venturi e os Grays

Estavam interessados em uma arquitetura mais complexa, histórica e cultural, baseada na riqueza e ambiguidade da experiência moderna. Ou seja, (...), Venturi e os Grays consideravam história, contexto, aspectos sociais e culturais em seus projetos (...). (p. 7-8).

Esta concepção se relaciona muito a nossa relação com as imagens. Ao mesmo tempo em que observamos uma imagem, construímos diversas conexões que vão além do que está sendo mostrado. Vamos criando analogias nas lacunas dos filmes, das fotografias, do mundo. A partir do pós-estruturalismo, passamos a fazer parte do processo, como seres que interpretam e se identificam a partir de seus ideais e experiências. Neste modo de produzir e interpretar, segundo Sanchez (2012), estamos em um jogo não mais rígido e estático, mas mais variado e dinâmico. (p. 12).

A interpretação de uma imagem deve ir muito além do que se pode observar com o olhar. Ela é portadora de outras imagens. Ela é um símbolo, mas também

¹ Estes autores faziam parte do grupo “The Grays”. Em 1973 publicaram um importante trabalho na revista “Architectural Forum”, onde concordavam com a ideologia de Robert Venturi. (SANCHEZ, 2012, p. 7).

uma narrativa visual. A imagem deve ser um caminho pelo qual consigamos estabelecer novas relações, imaginar novas imagens, tudo de maneira única. Única no sentido individual, mas também no sentido de momento/período em que ela for observada e analisada, ou seja, a imagem é inesgotável de significado. (CARDOSO, 2010)

Desse modo, uma imagem pode abrir nosso olhar para outra imagem que por consequência nos chama para outra e outra, cabendo a nós o interesse e a vontade de interpretá-las. Conforme realizamos esta leitura mais frequentemente, torna-se mais simples seu entendimento.

2.2 CULTURA VISUAL

Cardoso (2010) explicita que as imagens consumidas diariamente, geradas pela televisão, computador, campanhas de publicidade e outros meios midiáticos, resultam em uma total imersão visual cotidiana, contribuindo para a concepção de novos conceitos culturais. “Nesse sentido, é possível dizer que tais processos de ver o mundo podem ser compreendidos quando são mediados pela cultura. ” (2010, p. 32).

A respeito desta imersão visual cotidiana Cordeiro (2012), referenciando Sontag (2010), escreve que estamos “nos acostumando a ver mais e cada vez mais, e a saturação do olhar faz com que o choque inicial causado ante uma imagem de sofrimento ou injustiça perca sua força, sua carga emocional” (p. 6).

Com o desenvolvimento dos meios e das mídias, aumentou-se a possibilidade das pessoas produzirem imagens, vídeos e outros. Cardoso (2010) apresenta a ideia de imersão, refletindo que somos expostos todos os dias aos mais diversos meios de comunicação, e isso nos impossibilita de analisar todas as potencialidades e especificidades das imagens e dos momentos que passamos². Dessa forma, somos influenciados a consumir imagens despercebidas, e estas acabam modificando nosso olhar.

² Escrevo *passamos* e não *vivemos*, pois considero que os dias decorrem com muita rapidez em nossa vida. Os momentos que realmente vivemos são aqueles que damos importância suficiente, ou seja, os momentos em que paramos, analisamos e sentimos apreço, como se estivéssemos observando um quadro ou o nascimento de um bebê de nossa estima.

Nesta conjuntura surge o campo de estudo da Cultura Visual. “Este novo campo do conhecimento considera que as imagens, inseridas em contextos socioculturais, são portadoras de significados e formadoras dos sujeitos contemporâneos.” (CARDOSO, 2010, p. 32).

Hernández (2007) também faz considerações a respeito da Cultura Visual. Ele descreve-a como um novo campo de estudo, não restrito à escola ou à determinada aula, mas um campo abrangente e interdisciplinar. Campo este que deveria substituir o enfoque dado às aulas de artes nas escolas.

Hernández diz que os estudos da Cultura Visual não são realizados a partir de um currículo pré-programado com conteúdos a vencer, sim uma construção diária, a partir de referências específicas das pessoas envolvidas. É um caminho que deve ser percorrido visando maiores experiências visuais. Segundo Mitchel (2000, p. 210 apud HERNÁNDEZ 2007, p. 54), “estudar a Cultura Visual pode facilitar aos estudantes uma série de ferramentas críticas para a investigação da visualidade humana e não para transmitir um corpo específico de informações e valores”.

O conhecimento a ser adquirido por meio do ensino e aprendizagem da Cultura Visual permeia todos os âmbitos, não apenas o da escola ou da casa da criança. Ele ajuda a criar concepções de mundo e interpretar os diversos significados que a realidade pode ter. Por intermédio do estudo da Cultura Visual a criança pode aprender a importância dos valores, ou seja, compreende, re-significa e adapta para sua vida diversos princípios e concepções que em outras circunstâncias seriam apenas impostos a elas. Como, por exemplo, a superexposição nas redes sociais; o “Dever” de estar sempre na moda e a necessidade de se aparecer, ser visto. (LIMA, 2015, p. 58).

O estudo da Cultura Visual tem como princípio não apenas a imagem ou a sociedade, mas como as imagens podem influenciar e ajudar a moldar a cultura, as identidades e até mesmo o meio social. Dessa forma, a Cultura Visual seria mais uma estratégia para compreender a vida contemporânea.

A sociedade atual é caracterizada pelas visualidades. Entretanto, ainda existe uma distância entre a “experiência visual na cultura contemporânea e a capacidade para analisar esta observação” (MIRZOEFF, 1999 apud CARDOSO, 2010, p. 35).

Por meio do estudo da Cultura Visual, o indivíduo pode começar a se perceber no mundo assim como também desenvolver o seu repertório crítico.

Pensando Cultura Visual e infância, Fernando Hernández defende um alfabetismo visual crítico,

Que permite à criança analisar, interpretar, avaliar e criar a partir da relação entre os conhecimentos presentes em “textos” orais, auditivos, visuais, escritos, corporais e, especialmente, aos vinculados às imagens da sociedade contemporânea. (apud CARDOSO, 2010, p. 38).

Com base em Hernández (2007), o ensino deveria ser pautado em práticas educativas que facilitem as reflexões críticas a respeito de como as imagens nos permeiam, ajudam a formar a sociedade assim como, também auxiliam e constituem parte dos nossos sentimentos, ações e pensamentos.

2.3 IMAGEM E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

O modo como o sujeito-aluno se reconhece no espaço e no mundo é muito significativo ao (re)lembrar que ele está inserido em uma sociedade midiática que interfere diretamente sobre a sua identidade.

É na infância que a criança começa a se perceber como parte importante da sociedade, como ser detector de informações, dotado de capacidades e independente em alguns aspectos conforme cresce. Estas constatações, e outras que podem surgir ao decorrer do crescimento, ajudam a formular e construir o seu “eu”.

A construção da identidade da criança é baseada nas concepções de mundo que ela formula a partir de seus pais, amigos, professores, programas de TV e todos os demais meios e pessoas que ela convive e observa. Conforme explica Kellner (2001) “na modernidade, a identidade torna-se mais móvel, múltipla, pessoal, reflexiva e sujeita a mudanças e inovações. Apesar disso, também é social e está relacionada com o outro.” (p. 295).

Com o constante contato com as mídias sociais, a possibilidade de espelhamento e criação de uma identidade baseada em personagens e pessoas utópicas que aparecem na TV está cada vez mais naturalizada. Kellner (2001) nos diz que desde a

Segunda Guerra Mundial, a identidade tem sido cada vez mais vinculada ao modo de ser, à produção de uma imagem, à aparência pessoal. É como se cada um tivesse de ter um jeito, um estilo e uma imagem particular para ter identidade (...). (p. 297).

E complementa dizendo que esta concepção acerca de ser e parecer vigora até os dias atuais, mas de maneira despercebida.

Podemos perceber esta influência retratada pelo autor ao notar que as mídias, de modo geral, exibem padrões utópicos de pessoas, lugares, objetos, de modo que todas as pessoas são capazes de se identificar. Com o passar do tempo, esta identificação com o personagem cresce e a pessoa começa a incorporar certos hábitos que são realizados ali, na utopia de parecer-se mais com determinado personagem ou conseguir determinadas coisas que na “telinha”, nos cartazes, nas propagandas e nas imagens se fazem possível.

Por parte das crianças, esta influência acontece também e mais assiduamente, por meio dos desenhos animados. Eles inspiram as ações das crianças ao passo que estas se identificam. Os desenhos exprimem ideais de como seria uma criança ideal, quais seriam suas atitudes e assim sucessivamente, tudo isso de maneira subjetiva³.

As fotografias também expressam ideais de pessoas e momentos do presente e do passado, no entanto ao congelar um momento em uma foto fica impossível identificar o que realmente teria acontecido naquele exato momento retratado, pensando que determinada cena poderia ter sido montada ou alterada.

A formação da identidade pessoal, além de muito influenciada pela mídia, também passa por um caminho de aprovação de outras pessoas. Segundo Riesman et al (1950)

O outro é um constituinte da nossa identidade; por conseguinte, nos últimos tempos é bem comum a personagem determinada pelo “outro”; ela depende dos outros para o reconhecimento e, portanto, para o estabelecimento de sua identidade pessoal. (apud Kellner 2001, p. 296).

Sendo assim, a criação da identidade na sociedade atual está cada vez mais volátil, sendo baseada nos meios de comunicação e nas concepções de outrem.

³ Cabe lembrar que muitas vezes as atitudes reforçadas como ideais pelos desenhos não exprimem comportamentos ideais na sociedade.

Onde o primeiro age conforme suas necessidades e expectativas de consumo e o segundo está em constante mudança de identidade.

A não aprendizagem a respeito das mídias e da Cultura Visual crítica pode acarretar sérias consequências para a formação de identidade da sociedade, uma vez que esta influencia todas as gerações.

No caso da criação e da solidificação da Cultura Visual na construção da identidade, esta ajudaria os sujeitos a possuírem bases para interpretar o que assistem e observam, para serem capazes de escolher e perceber outros caminhos possíveis.

A construção de identidade inicia-se desde o nascimento do indivíduo e percorre toda a sua vida. Os primeiros anos necessitam um maior respaldo dos adultos, para que consigam aprender e se desenvolver de maneira mais assídua.

Tomando isto como base, as propostas curriculares para a Educação Infantil contemplam diversos aspectos relacionados à construção do “eu”, ao modo de se perceber o mundo, abordam também assuntos relacionados à oralidade, escrita, formas de expressão e outros pontos importantes para a pesquisa.

3 PROPOSTAS CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO MUDIÁTICA INFANTIL

A Educação Infantil é uma etapa rica de aprendizagens e conhecimentos novos para os estudantes. Esta fase tem por “finalidade o desenvolvimento integral da criança até 5 anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (ABUCHAIM, 2018, p. 17).

Considerada como uma etapa importante para o desenvolvimento integral da criança, a Educação Infantil é assegurada e regulamentada por diversas leis, diretrizes e parâmetros, que acompanham diretamente o seu desenvolvimento. Algumas dessas leis que regulamentam a Educação Infantil, e que usarei como princípio nesta discussão, é a Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) surgiram como meio de auxiliar os locais de ensino quanto a implementação e efetivação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) juntamente com o PNE (Plano Nacional de Educação). Neste sentido, a DCNEI tem como propósito normatizar as propostas pedagógicas na Educação Infantil. Em seu decorrer apresenta orientações relacionadas à elaboração, planejamento, execução e avaliação das referidas propostas. (BRASIL, 2010, p. 11).

A BNCC por sua vez é um documento recém-publicado. Ela é

Um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Aplica-se à educação escolar, [...], e indica conhecimentos e competências que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), a BNCC soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2017, p. 7)

A última versão da BNCC foi publicada em 2017, mas ela ainda é muito debatida no âmbito educacional. Ela é uma base detalhada, traz minuciosamente todos os objetivos que devem ser alcançados com o passar das etapas. Sendo esta uma das grandes discussões e críticas que existem acerca da sua efetivação.

A BNCC é uma base para as creches, pré-escolas e escolas: a partir dela todas as etapas devem reelaborar os currículos, lembrando que estes podem – e devem – contemplar as singularidades de cada região, escola e público assistido. O problema advindo disto é o medo que as escolas não entendam que a base não é, e não pode ser, usada como currículo.

Outro aspecto relacionado à aplicação da base é que o currículo deve ser flexível e se modificar conforme a turma, os alunos e o desenvolvimento de suas capacidades. Segundo entrevista dada à Mind Lab do Brasil⁴, Cesar Callegari afirma que “o Ensino atual é muito mais rígido e pré-definido, deixando clara a oportunidade para que educadores se posicionem com uma visão crítica e criativa diante do processo já que: “Nós aprendemos quando criamos.”” (EDUCADOR 360, 2018).

Sendo assim, a partir da Base Nacional Comum Curricular o professor pode (e deve) utilizar de sua criatividade para montar um currículo diversificado, suscitando diferentes aprendizagens bem como deve manter o plano de aula em constante mudança, conforme as necessidades da turma.

De certa forma, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) se completam, enquanto a DCNEI ajuda a organizar as propostas pedagógicas da Educação Infantil de uma maneira ampla, possibilitando diversas reflexões a partir da realidade de cada escola; a BNCC auxilia com os conteúdos determinando as competências e as diretrizes para cada etapa de ensino, deixando em aberto os currículos para evidenciar a autonomia das escolas⁵.

Ambos os documentos asseguram que as crianças desta etapa devem ser desenvolvidas e acompanhadas no campo educacional, psicológico, físico, bem como não podem ser privadas de brincar e relacionar-se com os demais colegas e comunidade em geral.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil definem criança como:

⁴ A Mind Lab foi fundada em 1994 em Israel e “é líder mundial em pesquisa e desenvolvimento de tecnologias educacionais inovadoras para o aprimoramento de habilidades e competências cognitivas, sociais, emocionais e éticas.” (MIND LAB, 2018). Atua no Brasil desde 2006.

⁵ Com a implementação da BNCC nas escolas, as mesmas poderão direcionar suas singularidades a partir dos currículos, que devem ser baseados nas competências pré-estabelecidas na base.

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivência, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010 p. 12)

Assim como também estabelece dois eixos norteadores para as práticas pedagógicas: as interações e a brincadeira; conseqüentemente, todas as experiências da Educação Infantil devem ser pautas sob estes dois eixos. Baseado neles, a DCNEI elenca aspectos que devem ser instigados e desenvolvidos nas crianças, que tenham objetivos que:

Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança; (...) Ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas; (...) Possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar; (...) Possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade; (...) Propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras; (BRASIL, 2010, p. 25 - 27);

Nestes objetivos fica clara a importância do estímulo à individualidade atrelada ao convívio com o outro, ou seja, é exposta a importância de entender-se como um ser individual ao mesmo tempo em que necessita do social para viver. Nestes tópicos também fica assegurado o direito das crianças - dever da escola - garantir experiências desafiadoras e estimulantes para que os alunos se desenvolvam de forma completa, bem como tenham acesso e aprendam sobre diferentes manifestações e tradições culturais, sem nenhum tipo de pré-conceito. A BNCC exemplifica um pouco mais destes tópicos em seus campos, especificamente no “O eu, o outro e o nós”.

Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical; (...) Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos; (BRASIL, 2010, p. 25);

Nestes objetivos propostos pela DCNEI é possível contemplar o uso e a importância da apresentação da escrita às crianças, mesmo que estas não saibam

ler e escrever. Neste tópico podemos refletir sobre a importância das visualidades, do reconhecimento de determinados códigos para uma aprendizagem futura – no Ensino Fundamental-: da escrita. Nestes pontos fica assegurada a importância do uso de livros e demais recursos pedagógicos na Educação Infantil, com o objetivo de permitir uma experiência mais presente, real e desafiadora de aprendizagens diversificadas relacionadas às formas de expressão. Relacionando este documento à BNCC, podemos encontrar referências no tópico “Oralidade e Escrita”, assim como nos demais tópicos.

Recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais; (...) Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza; (...) Promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais; (BRASIL, 2010, p. 25 - 26);

Estes objetivos da DCNEI exaltam a importância dos conhecimentos matemáticos e das experiências relacionadas ao meio social. Nesta etapa as crianças ainda não possuem conhecimento formal sobre os números e relações matemáticas, mas é importante que elas desenvolvam as noções de tamanho, quantidades, tempo; assim como exercitem suas habilidades de questionar, interpretar e relacionar os fatos. Nestes tópicos também são contempladas as ações relacionadas à natureza, cuidado e manutenção da mesma. Encontramos estes tópicos no campo de experiência “Espaços, Tempos, quantidades, relações e transformações” na BNCC.

Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura; (...) possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos. (BRASIL, 2010, p. 26 - 27);

Nestes objetivos fica clara a importância da estimulação da corporeidade da criança, seja por meio das danças, teatro ou demais formas de expressão, referenciando ao objetivo “Corpo, gestos e movimentos”, proposto pela BNCC. Neste último tópico que também reúne objetivos referentes aos “Traços, sons, cores e formas” da BNCC, podemos evidenciar que a DCNEI considera importante o uso

da fotografia e o estudo da Cultura Visual na sociedade atual. Ela estimula a utilização de diversas formas de expressão para a compreensão dos tópicos refletidos acima. Este é um ponto relevante a ser considerado nesta pesquisa; é uma das diversas possibilidades que a DCNEI em conjunto com a Base, possibilitam para um estudo das visualidades nas mídias.

Deste modo, como já dito, a BNCC complementa os dois eixos estruturantes das práticas pedagógicas estabelecidos nas DCNEI com seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento: Conviver; Brincar; Participar; Explorar; Expressar e Conhecer-se. (BRASIL, p.34, 2017).

A partir destes eixos, A BNCC estrutura o ensino da Educação Infantil em cinco campos de experiências, os quais devem desenvolver integral e simultaneamente os alunos. As cinco categorias são: “O eu, o outro e o nós”; “Corpo, gestos e movimentos”; “Traços, sons, cores e formas”; “Oralidade e Escrita”; “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”. (BRASIL, p.36-38, 2017)

Diante dessa perspectiva, este sub-tópico tem como princípio evidenciar como é possível, necessário e importante o trabalho com a Cultura Visual, em especial a fotografia, como possibilidade de vivências e experiências que podem ampliar a aprendizagem nos tópicos destacados nos documentos referidos.

3.1 DCNEI, BNCC, ESTUDOS DA CULTURA VISUAL E A FOTOGRAFIA

A experiência, aqui focada em crianças da Educação Infantil, é uma porta para novas práticas, oportunidades e visões de mundo. A partir dela, as crianças podem rever e ampliar seus repertórios, construindo novas aprendizagens. (LARROSA, apud BERLE, 2011).

Refletindo sobre experiências a partir de Larrosa, podemos evidenciar que elas ocorrem a partir da prática, do fazer e observar os possíveis resultados. Ainda segundo o autor, “Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.” (LARROSA, 2002, p. 21).

Diante deste pensamento, faz-se necessário refletir a respeito da qualidade das práticas e vivências que passamos na atualidade, da mesma forma que precisamos refletir sobre o (não)papel de passador de saberes: baseando na

perspectiva de Fresquet (2013) ao discutir que o professor precisa estabelecer um papel onde ensine e aprenda mutuamente, garantindo uma aprendizagem real, significativa e interessante para os alunos.

Dito isto, a BNCC propõe os campos de experiência pensados sob a perspectiva que as crianças devem vivenciar e aprender os conteúdos determinados de maneira conjunta, individual e regular⁶. Refletindo a respeito da prática escolar em conformidade com a Base, é possível perceber uma necessidade de atualizações pedagógicas dentro da sala de referência, para que a Base possa ser desenvolvida de maneira satisfatória.

Estas atualizações pedagógicas se respaldam em uma metodologia que deve ter como princípio a ludicidade, os saberes existentes e os assuntos de interesse dos alunos. Com base nesta percepção, exemplificarei algumas maneiras em que se faz possível e interessante à interação entre a fotografia e os objetivos postos pela BNCC, considerando também os dois eixos norteadores propostos pela DCNEI.

3.1.1 O eu, o outro e o nós

A BNCC expõe em seu primeiro campo de experiência, que as crianças, a partir das experiências com seus pares e com os adultos, vão construindo um modo próprio de agir, sentir e pensar. A partir de suas vivências sociais constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros. Neste campo é preciso criar oportunidades que valorizem a identidade própria, reconhecimento das diferenças entre cada um e o respeito mútuo. (BRASIL, p.36, 2017)

Sobre a formação de identidade, Kellner (2001) escreve que atualmente as pessoas têm a possibilidade de criar e recriar suas próprias identidades, mas isto acontece de maneira dicotômica: o indivíduo precisa da afirmação do outro para constituir sua identidade ao mesmo tempo em que, na modernidade, a consciência de indivíduo está estritamente ligada à individualidade.

⁶ As práticas escolares devem ser realizadas em conjunto, com todos os alunos da sala; ao mesmo tempo em que precisa ser individual: pensada e avaliada a partir de cada aluno e regular: objetivando uma aprendizagem real para todos os alunos do processo.

Nestes aspectos, o ensino do eu, do outro e do nós - proposto pela BNCC - pode ser pensado focando o uso das mídias e o papel de formação em massa e, ao mesmo tempo, individual das pessoas.

Fernando Hernández (2007) escreve que as identidades pensadas e passadas pelas mídias possuem um caráter capitalista, com o propósito de impor suas opiniões a respeito do mundo, de maneira imperceptível. Maneira esta que é diferente da defendida e pretendida na escola: ensino pensado como uma formação crítica dos indivíduos, percepção de sua identidade e desenvolvimento e afirmação de sua opinião.

Surge então a importância de trabalhar as mídias neste objeto em discussão: interpretar o papel das mídias considerando o contexto, a intencionalidade e os desdobramentos que podem acarretar. Tudo isso de maneira lúdica, ajudando as crianças a perceber e constituir uma identidade pautada em sua própria consciência e de quem querem ser.

3.1.2 Corpo, gestos e movimentos

O mundo é explorado desde muito cedo pelas crianças. Por meio do rastejar, tocar, brincar, experimentar elas vão reconhecendo o seu entorno, se desenvolvendo e criando concepções acerca de si e do outro, do universo social e cultural. Aos poucos percebem que fazem parte daquele meio social em que vivem. Estas experiências ajudam-nas a aprender/aperfeiçoar suas expressões conjuntas de corpo, emoção e linguagem. (BRASIL, 2007, p. 36-37).

Segundo a BNCC, “Na Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão.” (p.37, 2007). Desse modo, cabe a Educação Infantil o amparo à criança a respeito da ampliação de seus repertórios de “movimentos, gestos olhares, sons e mímicas com o corpo”. (BRASIL, p.37, 2007).

Compactuando com este pensamento, Larrosa (2002) escreve que as experiências acontecem no contato com o outro, ou seja, a partir do fazer e do realizar a criança se desenvolve e aprende novos saberes, antes só conhecidos pela teoria ou informação dos outros.

Larrosa, em um de seus pensamentos, define o sujeito de experiência:

Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede”, ou “happen to us”, o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos. (LARROSA, 2002, p. 24).

Nesta perspectiva em que a experiência acontece quando nos deixa marcas, nos ajuda a mudar, mudar nossas perspectivas, ou seja, nos afeta de algum modo, a Educação Infantil seria o primeiro passo e o mais significativo para que esta ocorra.

Neste campo, o fazer está totalmente posto como objetivo, o fazer e o realizar experimentação são o caminho mais autêntico para que se alcancem os propósitos finais.

A fotografia como método de auxílio neste desenvolvimento, pode ser uma direção diferente da habitual. Por meio dela, o professor juntamente com os alunos podem desenvolver trabalhos relacionando as ideias de orientação própria e do outro⁷; questões relacionadas à movimentação, controle e interação com os demais⁸.

Com a ajuda da câmera eles podem descobrir os desdobramentos e perceberem-se ao realizar movimentos, gestos, olhares, mímicas e sons com o corpo⁹; observar, de maneira diversificada, as suas expressões¹⁰. É possível também criar momentos de diversão e, ao mesmo tempo, de percepção: podem realizar uma peça de teatro, algumas crianças encenam, outras gravam e depois, todos juntos, observarem e interpretarem as mudanças de sentimentos, sensações e emoções expressas pelos próprios alunos-autores.

⁷ Este é o objetivo EI02CG05, proposto pela BNCC: “Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc.” (2017, p. 42).

⁸ Objetivo EI03CG01: “Movimentar-se de forma adequada, ao interagir com colegas e adultos em brincadeiras e atividades.” (BNCC, 2017, p. 42).

⁹ Objetivo EI03CG02: “Criar movimentos, gestos, olhares, mímicas e sons com o corpo em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música” (BNCC, 2017, p. 42).

¹⁰ Objetivo EI03CG05: “Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.” (BNCC, 2017, p. 42).

3.1.3 Traços, sons, cores e formas

Um dos propósitos da Cultura Visual proposto por Fernando Hernández é proporcionar o estudo da realidade, dos diferentes métodos e modos da sociedade perante as mídias e como, apesar dessas diversas concepções e formas de ver e interpretar o mundo que nos é (im)posto, nós podemos e devemos analisar conforme nossa realidade e ideais.

Neste tópico, a Base Nacional Comum Curricular evidencia que as crianças devem conviver com diferentes manifestações artísticas culturais e científicas, locais e universais para garantir uma experiência diversificada e também devem ter contato com diversas formas de expressão e linguagens, desde as artes plásticas ao teatro, dança, e todas as demais formas de expressão. (BRASIL, 2017, p. 37).

A partir da vivência destas diversas formas de se expressar, as crianças vão, aos poucos, desenvolvendo suas capacidades de modificação, interpretação e desenvolvimento de si e de suas visões acerca da realidade que as cerca. Neste momento de produção, elas são capazes de, no início reproduzir coisas que observaram ou que foram passadas às elas, mas conforme seus progressos, elas são capazes de criar suas próprias composições, interpretações e modo de reproduzir suas realidades internas. Neste campo, a criança percebe-se como portadora de liberdade, criadora e não apenas reprodutora de saberes e experiências até então defendidas por outrem.

Nesta perspectiva, o professor deve ser capaz de proporcionar estas experiências para as crianças, por meios diversos. Ele precisa promover espaços que favoreçam a sensibilidade, a criatividade e a expressão pessoal, “permitindo que elas se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas.” (BRASIL, 2017, p. 37).

Ramos e Teixeira, ao discutir o Livro “A Hipótese-Cinema” de Bergala, refletem a respeito da alteridade dos indivíduos. Ambos concordam que “o cinema pensado como alteridade altera o já visto, remove o instituído, desloca os olhares, inventa ideias, possibilidades. Outros enredos. Novas imagens. Luminosidades tantas.” (RAMOS e TEIXEIRA, 2010, p. 8).

Com o olhar sob a perspectiva da alteridade, este campo de experiência pretende desenvolver os indivíduos da Educação Infantil. Por meio do observar, do

fazer, realizar, conversar e até mesmo produzir materiais diversificados, diferentes dos que eles estão acostumados, eles se tornaram agentes do próprio conhecimento. Culminando em uma real aprendizagem, desenvolvimento e finalmente, alcançando a alteridade em seu desenvolvimento.

As autoras, assim como Bergala, defendem que a escola deve ser um local onde o aluno vivencia e observa recursos, fatos que em casa ele não teria acesso, seja por interesse ou falta de oportunidades. A escola é e deve ser, segundo elas, um espaço de novas aprendizagens, novos olhares e perspectivas.

A fotografia, na mesma concepção defendida acima por Bergala, tem esta capacidade de proporcionar encontros com a alteridade, por meio da interpretação das imagens, dos planos, da consciência do que se deseja alcançar. Ela pode ser explorada para diversos objetivos, relacionando os traços, sons, cores e formas propostas neste campo. Como por exemplo, no que diz respeito ao se expressar de maneira livre por maneiras bi ou tridimensionais¹¹. Pensando na fotografia, este tópico pode ser tratado também por meio de um retrato do objeto feito pelo aluno, pode retratar o processo ou simplesmente pode ser a própria perspectiva. A partir da foto é possível também adentrar a outros assuntos, como por exemplo, a importância desta forma de expressão, outras maneiras de interpretar a fotografia tirada ou ainda criar narrativas – escritas ou orais – que envolvam a foto, o contexto, entre outros elementos.

Neste campo também é expressa a importância de apreciar e participar de apresentações culturais diversificadas¹², e nesta perspectiva defendida por Ramos e Teixeira, é importante que estas diversas formas saiam do senso comum das crianças. Segundo as autoras, é importante estar atento não apenas à última novidade. (2010, p. 12). Exposições de fotografias, registros fotográficos do cotidiano da escola, murais com as produções e visões das crianças sobre seu entorno são também possibilidades alargadoras da experiência cultural com as imagens.

¹¹ Objetivo EI03TS02: “Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.” (BNCC, p.44, 2017)

¹² Objetivo EI03TS03: “Apreciar e participar de apresentações de teatro, música, dança, circo, recitação de poemas e outras manifestações artísticas.” (BNCC, p.44, 2017)

3.1.4 Oralidade e escrita

Na Educação Infantil, as crianças ainda não desenvolveram a sua escrita, mas estão no processo de desenvolvimento da narrativa e das ideias sobre o mundo da língua escrita. A partir deste princípio, a DCNEI defende que durante a Educação Infantil é importante que a criança tenha contato com todas as formas de comunicação (oral, escrita, imagens, entre outros). A BNCC também considera importante este tópico, e exemplifica-o um pouco. Segundo a Base Nacional, é por meio de diversas situações - em que as crianças podem falar, ouvir, dar a sua opinião - que elas ampliam e enriquecem seu vocabulário e habilidade de se expressar.

Um meio muito importante para que ela se familiarize com as diferenças entre o texto escrito, as imagens e símbolos é por meio da leitura de livros feita pelo professor ou outra pessoa que saiba ler. Este indivíduo empresta a sua voz para que o aluno possa ler. Estes simples gestos ajudam a introduzir a criança à leitura e a aumentar sua imaginação.

Hernández (2007) escreve sobre os múltiplos alfabetismos, nesta teoria, ele defende que os indivíduos não devem ser alfabetizados apenas para as letras, ou seja, para ler e escrever, mas para saberem interpretar diferentes aspectos, como por exemplo, as mídias. Dessa forma, segundo o autor, os indivíduos devem ser alfabetizados em todas as áreas, para se tornarem capazes de interpretar a realidade que vivem.

Hernández vai além do que é posto pela BNCC. Ele defende uma educação onde ocorra conjuntamente o ensino da linguagem oral, da escrita e também da imagética. Um trabalho sobre a educação imagética possibilitaria o desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade, da atenção, além disso habilitaria melhor as crianças para a leitura de uma foto, uma propaganda de televisão e tantos outros meios que veiculam imagens, cujas mensagens são muitas vezes de apelo ao consumismo e individualismo.

Diversos tópicos referentes a proporcionar conversas com as crianças são propostos como objetivos pela BNCC, para que elas se sintam encorajadas e

capacidades para expressar sua opinião perante o grupo¹³, bem como a criação de histórias pautadas em consecutivas imagens, de maneira oral¹⁴. Ter contato com diferentes gêneros textuais¹⁵ e por fim, a produção de histórias orais e escritas (escrita espontânea).

Existe um objetivo muito pertinente à fotografia, que possibilita o seu uso e o da Cultura Visual, como meio para ensino: “EI01OE07 Conhecer e manipular materiais impressos e audiovisuais em diferentes portadores (livro, revista, gibi, jornal, cartaz, CD, *tablet* etc.). ” (BRASIL, p.46, 2017). Neste objetivo existe a possibilidade de ser trabalhado os múltiplos alfabetismos, defendido por Fernando Hernández.

3.1.5 Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações

Este tópico tem como princípio regente a promoção de brincadeiras e interações

(...) nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano. (BNCC, 2017, p. 28).

Assim sendo podemos considerar que este campo é responsável pela união entre o que a criança já sabe a respeito do mundo, seu entorno, entre outros saberes e os novos conhecimentos a serem adquiridos.

Segundo Brandimiller

¹³ Objetivos: EI02OE01: “Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões”; EI02OE04: “Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos”. EI02OE05: “Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidos etc.”. (BRASIL, p.45, 2017).

¹⁴ Objetivo EI02OE06: “Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos.” (BRASIL, p.46, 2017).

¹⁵ Objetivos: EI01OE08: “Ter contato com diferentes gêneros textuais (poemas, fábulas, contos, receitas, quadrinhos, anúncios etc.) ”. EI02OE08: “Ampliar o contato com diferentes gêneros textuais (parlendas, histórias de aventura, tirinhas, cartazes de sala, cardápios, notícias etc.). ” (BRASIL, p.46, 2017).

As crianças são atentas. Assim como facilmente seduzidas e aquietadas com os conteúdos midiáticos, estimulam-se e inquietam-se com os desafios nas aulas de artes, escutam cada avião que passa, percebem nosso estado de espírito. Incomuns, inventoras, investigativas. Se dermos a elas liberdade no processo criativo e estímulo para pesquisar suas curiosidades, continuarão a caminhar em campo aberto. (2011, p. 14).

Neste campo de experiência a criança deve ser influenciada para que consiga sanar suas primeiras curiosidades, criar outras e abrir seus horizontes e perspectivas. Brandimiller, em sua explanação, demarca muito forte a importância de aguçar a curiosidade dos alunos com o passar do tempo. Para que eles sintam interesse de descobrir e explorar mais.

Saramago (2002, apud BRANDIMILLER, 2011, p. 13) defende que “nunca estivemos tanto na caverna de Platão como estamos hoje. ”, refletindo sobre o papel que as mídias assumiram no mundo atual. Ela expõe que a mídia está tão imposta a nós, que já não pensamos e refletimos a respeito. Como uma possível solução ela propõe um exercício do olhar.

Neste exercício as crianças seriam auxiliadas a desenvolver um olhar crítico a respeito do modo de produção e exibição de imagens, tomando conhecimento de enquadramentos, escolha de repertório, papel da divulgação e todos os demais processos envolvidos desde a captação da foto à sua divulgação.

Os objetivos propostos neste campo estão relacionados estreitamente ao processo pensado por Brandimiller. Alguns destes tópicos são explorar e conhecer o seu entorno, por meio da observação e manipulação¹⁶; experiências de deslocamento de si e dos objetos¹⁷; relatar mudanças no cotidiano assim como mudanças naturais¹⁸, e outros tópicos referentes a estes assuntos. Para finalizar os objetivos, é pensando que a criança já possui os conhecimentos necessários a respeito de uma visão/desenvolvimento crítico, propõe-se então que ela seja capaz de analisar situações-problemas e levantar hipóteses a este respeito.

Diante destas perspectivas defendidas e exemplificadas na BNCC e na DCNEI, a fotografia como método para alcançar uma experiência satisfatória pode e deve ser utilizada como recurso em todas as áreas curriculares da Educação Infantil.

¹⁶ Objetivo (EI01ET03) “Explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas.” (BRASIL, p.47, 2017).

¹⁷ Objetivo (EI01ET04) “Manipular, experimentar, arrumar e explorar o espaço por meio de experiências de deslocamentos de si e dos objetos”. (BRASIL, p.47, 2017).

¹⁸ Objetivo (EI02ET02) “Observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.)”. (BRASIL, p.47, 2017).

Segundo as DCNEI, a Educação Infantil é regida por dois eixos: as interações e brincadeiras. A fotografia permeia ambos os eixos e pode proporcionar experiências e olhares antes não pensados. É uma maneira diferente e necessária de interpretação das mídias.

3.2 POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS

Os campos de experiência da BNCC foram trabalhados com o objetivo de unir diversas competências em uma atividade ou sequência da mesma; englobando todos os momentos que a criança vive, desde o ir à escola, o se alimentar, o brincar.

Utilizando a fotografia, é possível perpassar todos os campos já referidos, resultando em aprendizagens e em um crescimento real e verdadeiro.

Como um exemplo de possibilidade de sequência de atividades, cabe lembrar do trabalho a partir das *selfies*. Com base em Lima (2015), que desenvolveu sua dissertação de mestrado a partir da pesquisa ação sobre o uso de *selfies* na Educação Infantil, a sequência didática poderia começar por imagens antigas, escolhidas pelas próprias crianças. (Pedir para que tragam retratos de seus avós ou pessoas mais velhas.). A partir das fotos, iniciar uma conversa sobre os aspectos presentes nestas imagens que não existem mais e quais ainda existem atualmente.

Pedir para que tragam fotos atuais, podendo ser suas e/ou de sua família. Após a discussão das imagens, pedir para que eles comparem as fotos antigas com as atuais. Focar, neste momento, na presença de objetos tecnológicos e mais avançados: como celulares, propagandas, televisões ou outros recursos que sejam conhecidos pelas crianças. É importante estimular que todas as crianças expressem suas opiniões. A partir delas, ir construindo relações a respeito do desenvolvimento/crescimento das mídias até os dias atuais, assim como também evidenciar o avanço de todos os demais aspectos presentes.

Em outro momento, utilizar novamente as fotografias das famílias e as suas para comparar as vestimentas bem como o comportamento das pessoas retratadas nas fotos. Contar que há um tempo, a utilização da fotografia acontecia de outra forma: elas eram tiradas apenas em momentos especiais e em pequena quantidade. Juntamente com esta conversa, estimulá-los a falar sobre como acontece o uso da

fotografia em suas casas: qual a relação entre eles, a família e as máquinas fotográficas,¹⁹ se eles têm a oportunidade de capturar fotos; qual é o tipo e foto mais presente no dia-a-dia, etc. E a partir destas conversas e opiniões, expor que nenhum tipo de fotografia é errada ou melhor que a outra, mas lembrar que o maior objetivo da fotografia é guardar uma memória para além do tempo.

Em seguida destas conversas, a professora/ o professor pode estimular que os alunos refaçam as fotografias trazidas por eles. Todos juntos podem construir o cenário, as roupas, os objetos presentes, etc. Após tudo confeccionado, a turma se prepara para fotografar: alguns são os fotógrafos enquanto outros são os modelos, assim sucessivamente até todos terem seus retratos. Ainda com todos vestidos, a professora/o professor pode pedir para que os alunos tirem *selfies* no cenário (ao invés de um fotógrafo tirar, eles próprios deveriam capturar a foto).

Em outro momento, com as fotos impressas, pedir para eles comparem entre a foto original, a foto que os “fotógrafos” tiraram e a *selfie* que eles próprios tiraram. Deixar que eles comparem, conversem e depois possibilitar que exponham suas opiniões para toda a sala. É interessante que a/o professor conduza a conversa de maneira que eles observem que a *selfie* é um recurso utilizado quando não há ninguém para fotografar, mas com a utilização dela vários dos elementos do cenário se perderam, vários detalhes não estão presentes nesta fotografia, enquanto nas demais é possível observar todos. É importante evidenciar que as *selfies* são interessantes e tem seus objetivos, mas que estes são diferentes das fotos tiradas por outrem.

Nesta sequência didática são trabalhados todos os campos de experiência propostos pela BNCC interligados. Ou seja, em todas as aulas são trabalhados vários campos de experiência, desenvolvendo os alunos de forma integral e conjunta.

3.2.1 Outra possibilidade: as fotografias como narrativa da própria história

Outro exemplo de proposta didática objetivando o uso da fotografia e a participação dos pais pode ser feito da maneira a seguir: iniciar uma conversa sobre

¹⁹ Vale lembrar que ao falar máquina fotográfica estendo à todos os aparelhos que captam imagens, como celulares, *tablets*, computadores e qualquer outro meio.

quem possui acesso a celulares, computadores, câmeras; quais as famílias utilizam as redes sociais e se as crianças gostam de aparecer nas mesmas ou se aparecem. Além da conversa, pode ser feita uma pesquisa por eles, para que envolvam sua família neste processo. A pesquisa pode ser estruturada de forma que os pais percebam esta exposição, excessiva ou não, de seus filhos nas redes sociais.

Após conversar sobre as informações das entrevistas realizadas em casa e a partir das conversas em sala, é desejável mostrar a eles como a tecnologia ajuda a unir as pessoas que estão longe. Dar exemplos de parentes que eles não veem há muito tempo, mas por meio dos celulares, computadores, etc., eles podem saber como estão; lembrar dos amigos que saíram da escola, mas ainda mantêm contato, seja por telefone, e-mail, computador, etc. E discutir também sobre as notícias.

Ao falar sobre o papel das mídias, recordar das propagandas e das notícias novamente. Conversar que atualmente as pessoas conseguem se informar a respeito de coisas que estão acontecendo em outro país, em tempo real; dar exemplos atuais que sejam de conhecimento e interesse deles.

Nestas discussões, contar que a fotografia é um meio muito presente para guardar memórias e que estas não precisam ser utilizadas para que as pessoas criem um *status* de aparências. Ou seja, as fotos não devem ser tiradas com o objetivo de se mostrar superior perante os amigos, família ou qualquer outra pessoa. Exemplificar que se deve captar os verdadeiros acontecimentos que ocorreram com eles; que o registro das fotos deve demonstrar o que eles sentem e pensam.

Juntamente com as conversas, pode-se realizar o registro fotográfico pelas próprias crianças, pedindo para que elas registrem o local onde moram, estudam, os locais que elas consideram relevantes em suas vidas bem como podem fotografar pessoas importantes ou qualquer outro fato/objeto que elas gostem e achem importante/relevante.

Com as fotos impressas (ou reveladas) pedir para que selecionem uma. A partir desta, conversar sobre a mesma, evidenciando aspectos não retratados, como por exemplo, o que havia fora da imagem, quem mais estava ali e não foi capturado, o que ela sentiu e outros pontos que acharem interessante falar.

Após estas conversas, colar as imagens no meio de uma folha em branco e pedir que completem a imagem²⁰ com os diversos aspectos que não estão presentes na fotografia, mas estavam no ambiente. Esta atividade tem como objetivo ajudar na percepção, mostrando que a fotografia é apenas uma parte da realidade, um pedaço de tudo o que estava acontecendo naquele momento.

A partir destas fotografias e dos desenhos que às completam, pode-se organizar uma exposição. Nesta exposição as crianças contariam sobre o local da imagem e o que desenharam como complemento da mesma. Contextualizando o seu trabalho e dividindo com os demais alunos o que aprenderam até o momento.

Estas atividades têm como objetivo mostrar possíveis projetos a serem desenvolvidos dentro da própria creche. Projetos estes que tem como finalidade trabalhar a fotografia como uma maneira de desenvolver a alteridade e a criticidade das crianças na Educação Infantil, por meio da Cultura Visual juntamente com os campos de experiências propostos na BNCC, e com os dois eixos norteadores propostos pelas DCNEI: as brincadeiras e as interações.

²⁰ Este complemento da foto pode ser feito com diversos recursos: colagens, desenhos com giz, canetinha, lápis de cor, cola colorida, etc.

4 CULTURA VISUAL, EDUCAÇÃO E FOTOGRAFIA: UM ELO ENTRE A TEORIA E A ESCOLA

A revisão bibliográfica possui um papel importante na pesquisa e no entendimento da realidade. A partir dela podemos construir opiniões, valores e reconstruir, se preciso, nossas concepções a respeito do assunto. Nesta perspectiva, a entrevista assume um papel parecido, com o acréscimo que permite observar e compreender a realidade de outrem.

Por se tratar de um ponto tão importante de entendimento da realidade, a entrevista deve ser pensada, preparada e aplicada de maneira cautelosa. Ela deve ser baseada nos teóricos trabalhados anteriormente assim como suas interpretações devem ser pautadas nos mesmos. Mas, segundo Brandão (2002), devem-se evitar os "efeitos-teoria que fazem com que os conceitos (teóricos) se imponham sobre o mundo empírico" (p. 33).

Cabe refletir também que é importante o entrevistado se sentir acolhido e próximo do entrevistador, cabendo ao segundo, dosar esta aproximação conjuntamente à seriedade da pesquisa. Segundo Brandão (2002)

Empatia, engajamento mútuo (pesquisador e pesquisado) e objeto da pesquisa são elementos da triangulação fundamental para a condução do processo. O equilíbrio entre o engajamento e distanciamento deve ser perseguido o tempo todo. (p. 40)

Desta forma, o entrevistador deve conduzir a entrevista de maneira acolhedora, e observando todas as reações do entrevistado. Ele deve estar atento ao que é dito, como é dito assim como também deve prestar atenção às contradições, expressões e gestos. (BRANDÃO, 2002, p. 40).

Objetivando uma maior compreensão da realidade, a referida entrevista terá como entrevistados diversos agentes do processo: uma professora, equipe que desenvolve o projeto relacionado à fotografia e os seus desdobramentos e alunos que participam do projeto (Apêndice 1). Dessa forma, tenho a intenção de compreender, de uma maneira mais ampla, como acontece o ensino da Cultura Visual no meio escolar e os seus possíveis desdobramentos, conforme a vivência e o olhar dos agentes.

Vale salientar que no início da pesquisa foi enviado para os pais através da escola, uma carta de apresentação e de autorização para participação das crianças na pesquisa (Apêndice 2). As fotografias e as atividades das crianças realizadas na oficina, foram usadas somente com finalidade acadêmica, sem identificação das crianças, evitando a exposição das mesmas.

A referida pesquisa aconteceu em dois momentos: sendo o primeiro uma entrevista com os idealizadores da Oficina Fotobrancante e, em um segundo momento, foi realizada a observação de uma aula do Projeto e a entrevista com uma professora. As entrevistas e a observação foram registradas por meio de um gravador de voz e, na observação, ocorreu o uso de uma câmera fotográfica para registrar alguns passos dos encaminhamentos. Concluída a pesquisa no campo, realizou-se a transcrição fiel dos áudios, para que fosse possível observar os desdobramentos seguintes.

4.1 PROJETO FOTOBRAINTE: OBSERVAÇÕES SOBRE A CULTURA VISUAL NA PRÁTICA COM CRIANÇAS

A entrevista foi realizada com um Projeto de Fotografia nomeado de Projeto Fotobrancante²¹ que tem por princípio auxiliar na interação com o outro e possibilitar um olhar mais crítico perante a sociedade. (Apêndice 3).

O Projeto Fotobrancante foi idealizado pela Fotógrafa Laiz Zotovici e pelo também Fotógrafo Edu Camargo. Laiz cursou o Ensino Médio integrado com Artes Cênicas, no Colégio Estadual do Paraná (CEP), se formou em Publicidade e fez cursos relacionados à fotografia; Edu é formado em Design, cursou Artes Visuais aos 17 anos e também fez cursos relacionados à fotografia no decorrer de sua vida.

O Projeto acontece em uma escola de Educação Infantil, localizada em Curitiba, no bairro Hugo Lange e atende crianças na faixa etária entre 4 meses à 5 anos.

O horário de funcionamento da instituição é dinâmico, se adaptando aos horários das famílias:

- Período da tarde: 13:30 às 17:30

²¹ Para ver fotos de algumas oficinas realizadas pelo Projeto Fotobrancante, acessar o site: <https://www.facebook.com/fotobrancante/>

- Período Intermediário: 11hrs às 17:30
- Período Integral: 07:30 às 17:30
- Período Especial: 18:15 às 19 hrs.

Os projetos acontecem no período da manhã. A escola possui diversas aulas neste período, como por exemplo, Capoeira, Música e Fotografia. O período da tarde é dedicado às aulas curriculares.

A instituição segue a linha Sócioconstrutivista, “onde pressupõe a criança como um sujeito sócio histórico, rico em potencialidades e competências capaz de construir ativamente o saber por meio da interação com o meio, os adultos e as demais crianças.” (SEMEADOR, 2016). Sendo assim, a instituição entende a criança como um sujeito que precisa de interações e que a partir delas, eles se desenvolvem e conseguem levantar e criar suas próprias hipóteses e concepções de mundo.²²

Edu, um dos idealizadores, relata que o Projeto já aconteceu no MON - Museu Oscar Niemeyer, junto com a rodinha de fotógrafos; e em eventos, como por exemplo os realizados pelo Muralzinho de ideias: “O Muralzinho é um site de programação infantil e eles disponibilizam às vezes as programações. Tipo na Gastronomix, eles têm *stands* do Muralzinho. ” Edu conta também que o projeto Fotobrincante começou a partir de uma ideia de adultos: “Nós começamos a fazer um grupo que falávamos um tema e as pessoas fotografavam. Era um site, em que jogávamos um tema e gente do mundo inteiro ia lá e fotografava. Então era isso, uma brincadeira de adultos.”.

Certo tempo depois, em 2013, a Escola Projeto 21 localizada em Curitiba, no Bairro Campina do Siqueira convidou-os para realizar uma oficina de um dia, para crianças na faixa dos 10 anos. Ele conta que levaram as câmeras e fizeram diversas brincadeiras. No ano seguinte, em 2014, realizaram a oficina novamente, mas durante todo o ano e com crianças mais novas também. A partir daquele ano, eles estruturaram o projeto.

Edu, durante a entrevista, referindo-se ao propósito do projeto, diz:

²² Para saber mais sobre a instituição: <https://www.escolasemeador.com/> e <https://www.facebook.com/CEISemeador/>

Eu lembro das minhas brincadeiras com a luz: ir na casa da minha avó, ver as cores, as percepções de claro e escuro, da cor da luz do banheiro, de outro banheiro. E isso eu trago pra hoje. Então eu acho que nós vamos fechando. Eles [as crianças] já têm esse olhar, e nós tentamos valorizar isso e trazer algumas técnicas de fotografia que reforçam isso. Então é casar o que eles têm. Valorizar isso. (Resposta transcrita da entrevista realizada com os Idealizadores do Projeto Fotobrancante, Laiz e Edu).

Laiz e Edu, então expõem que o objetivo do projeto é “cultivar o olhar. Porque exercitar eles não precisam nessa idade”. Dizem que consideram muito importante este cultivo do olhar, mas que conforme as crianças vão crescendo e progredindo em questões escolares, elas começam a ser padronizadas e este olhar começa a se fechar. Eles destacam também a importância de um olhar pedagógico para a criança: “É sentar na altura deles e vamos fotografar eles de perto. ”

Laiz diz que a Educação Infantil é a fase do brincar espontâneo, do descobrir e do cultivar o que as crianças possuem. Ela complementa dizendo que tenta segurar e cultivar o máximo que consegue este olhar, para que as crianças desenvolvam sua criticidade e se desenvolvam no período certo, mas sabe que existem escolas que nesta etapa já começam a alfabetizar os alunos, transformando-os em “mini-gênio muito cedo, mas zero de criatividade”.

Considerando esta perspectiva, o poema de Malaguzzi (1997) traz exatamente este assunto à tona, ao dizer:

(...) A criança tem
cem linguagens
(e depois cem cem cem)
mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar
de compreender sem alegrias
de amar e de maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
de descobrir um mundo que já existe
e de cem
roubaram-lhe noventa e nove. (...)

Este poema me faz refletir e pensar exatamente no que Laiz e Edu falam a respeito da Educação Infantil ser uma etapa escolar de aprendizagens e de alargamento de possibilidades sobre o que as crianças já possuem e o novo que

encontram na relação com a escola. Segundo eles, as crianças vão crescendo e quando virarem adultas, seus pensamentos e ações já foram, muitas vezes, reformulados e mudados para os padrões sociais:

Aí depois de velho chega e diz “vamos fazer curso de criatividade pra voltar a ser criativo”, pra recuperar uma coisa que você já tinha. A gente tinha e perdeu porque vai se fechando e fechando. Então aí você vai fazer um curso de criatividade e desconstrói tudo, mas infelizmente na educação que nós temos hoje, nas escolas dos mais velhos, é o que provavelmente vai acontecer. (Resposta transcrita da entrevista realizada com os Idealizadores do Projeto Fotobrancante, Laiz e Edu).

Considerando esta fala, penso ser importante o papel das Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil assim como a Base Nacional Comum Curricular, pensando que ambos ajudam a regulamentar e a discutir o papel de currículos planejados e articulados entre todos os níveis de educação assim como constroem padrões entre escolas públicas e privadas.

Uma semana antes de ir observar a aula do Projeto Fotobrancante, entrevistei os idealizadores da oficina²³. Ao perguntar aos professores da oficina sobre como acontece a formulação do planejamento, eles disseram que planejam, no início do ano, os assuntos que pretendem apresentar para as crianças durante todo o mesmo ano. Iniciam o projeto montando uma câmera de sucata com os alunos, explicando como é composta a câmera, quais os elementos, como ela funciona e demais assuntos necessários; após estas aulas, começam a trabalhar outros aspectos fotográficos.

Contaram que o planejamento não é fechado e eles levam em consideração a opinião dos participantes ao programar a aula. Ou seja, conforme a curiosidade dos alunos, eles estendem determinado conteúdo por mais tempo, e também diminuem conteúdos, quando observam que este não alcançou as crianças da forma esperada.

Os mediadores orgulham-se em dizer que não são apenas eles que trazem o conteúdo para as aulas, mas muitos dos conteúdos surgem a partir das crianças. Laiz conta que eles têm alguns conteúdos programados, mas muitos dos assuntos trabalhados são os que as crianças querem e eles, Edu e Laiz, aceitam o desafio.

²³ A entrevista teve duração média de uma hora, foi realizada na sala da Instituição onde acontece o projeto. Esta foi gravada com o auxílio de um celular com a autorização dos idealizadores do Projeto Fotobrancante.

Sobre um currículo flexível, Larrosa (2002) pondera que os sujeitos que almejam experiências e a conseguem, geralmente não são firmes, inatingíveis, definidos por seus poderes ou por suas vontades, eles são “um sujeito que perde seus poderes precisamente porque aquilo de que faz experiência dele se apodera” (p. 25). Para explicar isto, remeto a um exemplo de aula que Laiz deu, sobre os índios, na qual os idealizadores mudaram o planejamento para que todas as dúvidas e curiosidades dos alunos fossem sanadas:

(...) a gente trouxe um livro sobre retratos de índios, e aí a gente começou a mostrar pra eles o que eram índios de verdade, e eles ficaram achando fantásticos. Então nós ficamos a aula inteira encima dos índios, falando dos índios, da cultura indígena. O Edu já ficou um tempo dentro de uma aldeia indígena, então as crianças perguntavam mesmo o que era real, “eles fazem isso aqui?; aquilo ali?; não!; é mentira!” Então aí a aula de fotografia foi muito mais observar os próprios índios, porque era o que a escola estava emanando. (Resposta transcrita da entrevista realizada com os Idealizadores do Projeto Fotobrancante, Laiz e Edu).

O planejamento da oficina é complexo, pois se trata de um projeto multisseriado. Na fala dos idealizadores é possível perceber a presença marcante da preocupação para com os alunos, de forma que todos aprendam “alguma coisa da aula”. Ambos os mentores não estão preocupados em que as crianças saibam o nome dos equipamentos, de cada parte e demais assuntos técnicos, eles dizem que se importam e se preocupam com o que as crianças entendem e levam para a vida, relacionando os olhares.

Os professores do Projeto contam que muitas vezes subestimamos as crianças pensando que eles não irão entender ou conseguir. Mas a partir do projeto, eles notaram que “eles vão receber o que a idade permite, mas eles vão receber.”. Laiz explica este fato com um exemplo:

Eu comparo isso com uma fala dos mais velhos [adultos]: “eu vou levar ele viajar, mas ele não vai entender nada, ele não vai guardar nada, não vai lembrar de nada”. Vai, na verdade está tudo na sua caixinha. Não é uma memória muito consciente, ele não vai chegar pro pai e contar tudo o que ele aprendeu, ele não vai lembrar daqui um ano, conscientemente, mas vai estar tudo dentro da caixinha de criatividade, de informação, então não dá pra subestimar. Falar para eles ficarem dentro de uma sala, fechadinhos porque eles não precisam desse tipo de estímulo. Eles precisam, é importante, isso cria repertório para a vida inteira! (Resposta transcrita da entrevista realizada com os Idealizadores do Projeto Fotobrancante, Laiz e Edu).

Relacionando o que acontece no projeto com o pensamento de Larrosa (2002)

O saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. (p. 27).

As experiências que cada indivíduo vive são interpretadas e/ou guardadas de maneira única. Estas podem não possuir muito sentido no momento, mas ficam guardadas e plausíveis de lembranças quando necessário.

Na continuidade da entrevista, perguntei da interação entre as escolas que já trabalharam e o projeto, remetendo a questões de formação e espaço disponibilizado ao mesmo. Laiz respondeu que

Em todas as escolas que a gente participou nunca existiu um treinamento do que nós deveríamos fazer. Sempre tivemos muita liberdade. Na Escola Projeto 21, uma escola muito grande, que já tem 30 e poucos anos, nunca existiu uma formação para gente, eles confiaram. Aqui também. (Resposta transcrita da entrevista realizada com os Idealizadores do Projeto Fotobrancante, Laiz e Edu).

Penso então a respeito da confiança dispensada sobre eles assim como a responsabilidade do projeto em procurar formas de construir múltiplas aprendizagens com seus alunos, sob a perspectiva fotográfica em união com as diversas linguagens escolares. Percebe-se que esta liberdade é bem aceita por todas as partes – escola e idealizadores.

Sobre esta liberdade em planejar e articular as diversas formas de expressão e desenvolvimento, os idealizadores lembram que a ideia principal deles é que as crianças cultivem o olhar a partir das diversas experiências e, ainda nesta perspectiva, Laiz fala do importante fato de que as crianças possam manipular, mexer e experimentar tudo que está ao seu alcance, não apenas em aulas ou momentos específicos, e complementa dizendo que “Esse é o legal daqui do Semeador. Isso dá uma tranquilidade muito grande para as crianças.”.

4.1.1 Uma aula do Projeto Fotobrancante

Na atual escola, Escola Semeador do Saber, o Projeto acontece há quase dois anos. É realizado no contraturno da instituição no horário das 10hrs às 10h 40min, em média. Os idealizadores contam que têm aulas que duram um pouco mais enquanto outras duram menos, dependendo do interesse e engajamento da turma. A classe é multisseriada, ou seja, participam crianças de todas as idades, sendo que algumas crianças são assíduas, outras participam poucas vezes ao mês.

Os idealizadores contaram que todo início de ano, eles começam a oficina desmontando a câmera e montando com os alunos. Durante este processo eles conversam, explicam cada parte e passam nas mãos dos alunos para que possam tocar. Passam “algumas lentes, alguns filtros que não tem problema colocar a mão”. Sobre isto, Laiz diz:

Nós montamos uma câmera de brinquedo. Nós vamos explicar todas as partes da câmera, nós montamos uma câmera de brinquedo com eles. Nós trazemos várias sucatas e eles vão escolhendo e montando. Vai mais ou menos um mês nessa montagem. As aulas são pequenas, então demora um pouco mais. Mas nós vamos explicando a câmera e montando aos poucos. No fim eles têm uma camerazinha deles. É muito legal. (Resposta transcrita da entrevista realizada com os Idealizadores do Projeto Fotobrancante, Laiz e Edu).

Desde o primeiro contato dos alunos com as câmeras é frisada a relação entre o corpo humano e a câmera. Os idealizadores falam “sobre não tocar na lente porque não pode tocar no olho também, se não machuca.” Nestas aulas iniciais eles também fazem comparativos entre “o olho e a lente, o olho e o corpo da câmera, nós explicamos como cuidar, manusear este equipamento”. Mas estes cuidados não ficam retidos apenas ao início do ano. No desenrolar da aula assistida, observei falas remetendo a esta comparação: “Precisa tomar muito cuidado, não pode pôr a mão, ela é como nosso olhinho, se colocar a mão dói né? Se colocar aqui também!”; relacionando a abertura da câmera com a “bolinha preta no nosso olho”; “essa é a nossa pupila”.

Retomando a aula que observei, em um primeiro momento, os idealizadores do projeto, Edu e Laiz, começaram organizando a sala onde ocorreria a mesma. Fecharam as janelas do espaço com panos pretos e pediram para que as crianças se sentassem.

A maneira como os idealizadores começam a aula instiga os alunos a querer descobrir mais. Iniciaram fazendo uma pergunta a respeito dos assuntos trabalhados na aula passada: “O que acontece com a fotografia quando a gente clica no botão? Ela vai para aonde? Quem sabe me dizer? ”. A partir de então os alunos começaram a se entreter na aula por meio das respostas: “vai para a câmera”; “Na memória da câmera”. Não demorou muito para que todas as crianças estivessem perto do Edu e do equipamento que ele havia trazido.

FOTO 1 – Edu (Oficina Fotobrancante) conversando com as crianças



FONTE: Larissa Monfron (2018)

Edu uniu uma das respostas dos alunos [na memória da câmera] às máquinas antigas e seu modo de captação de imagens:

Edu: E antigamente, quando não tinha o cartão de memória, vocês sabem como acontecia? Aonde a gente gravava? Vocês lembram o que eu falei?

Crianças: Nããão

Crianças: Naquelas câmeras velhas?

Edu: Isso, naquelas beem antigas.
(Murmúrios)

Edu: Isso, no filme (mostra o filme/Slide).

Edu: Quem lembra o nome desse?

Crianças: Filme o extraordinário

Crianças: Eeeeu!!!

Edu: Como que chama João?

Edu: Dá uma olhada aqui, pertinho, pra ver se você lembra do nome.
(Mostra para todas as crianças, uma por uma).

Edu: S.... s...

(Crianças tentando adivinhar inventando palavras)

Crianças: Slides...

(Resposta transcrita da observação da aula do Projeto Fotobrancante).

Edu não apenas pegou a foto e disse que seu nome era Slide. Ele instigou todos os alunos para que fossem respondendo, dando sua opinião e então, depois de algumas hipóteses, eles acertaram.

Após descobrirem/relembrares que as máquinas antigas não possuíam cartão de memória, mas Slides. Edu perguntou como as pessoas faziam para ver estas fotos, já que elas ficavam muito pequenas. Foi então que começou a montar um quebra-cabeça real. Montou uma máquina chamada Amplificador.

Durante a montagem, os alunos levantaram diversas hipóteses, tentando adivinhar qual seria o nome do aparelho: “Parece um secador de cabelo; um aspirador; uma máquina do tempo; um negócio de ver as coisas; elevador”.

FOTO 2 – Modelo do Amplificador



FONTE: Larissa Monfron (2018)

É de extrema importância e valia começar a aula a partir dos conhecimentos prévios que as crianças possuem do conteúdo desejado. Pois, embora tivessem escutado estas informações na semana anterior, muitos dos dados não são guardados. Contudo, para que o assunto realmente seja compreendido e aprendido, é necessário que se entenda o conteúdo, mas também que seja encontrado sentido no mesmo.

Ainda a respeito de como preparar e proceder em uma aula, o professor, poderia apenas passar as informações e pedir para que os alunos realizassem a atividade de forma mecânica e técnica. No entanto não é o que aconteceu, pelo contrário, a aula estava pensada para ir além da informação. Segundo Larrosa (2002) “a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência” (p. 21-22), ou seja, se o educador não problematizar e possibilitar a vez aos alunos, para que esses experimentem (por meio de palavras e/ou ações), estes não terão experiências próprias concretas, não aprendendo realmente.

Ao montar o “quebra-cabeça” com as crianças foi possível observar que o mediador não estava preocupado com o tempo, com a falta dele ou até mesmo com as tentativas erradas que as crianças falavam; ele estava preocupado com as crianças que não falavam, tentava aguçá-los de todas as maneiras, para que todos tivessem a experiência, de tentar e perceber que não havia problema em arriscar hipóteses. Nas palavras de Larrosa (2002), ele considera que a experiência

Trata-se porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (p. 24).

Concordando com Larrosa, e ao que pude observar, Edu coloca isto em prática. Ao mesmo tempo em que sabe o “conteúdo” e aonde quer chegar, ele abre possibilidades para que os alunos também possam caminhar e construir seus pensamentos e aprendizagens sozinhos. Ao passo que ele trilha o caminho durante a aula, ele dá abertura para que os pequenos ajudem a desvendar o mesmo. Como exemplo disso, após colocar uma foto no amplificador, Edu realiza diversas experiências com as crianças:

Edu: E agora, olha o que apareceu.... Olha o que apareceu.... Olhem os pontinhos...!! Você consegue ver? E você? (*Vai apontando conforme vai falando*).

Edu: Que tamanho que era aquela imagem? *(Se referindo ao Slíde que ele colocou na moldura)*
(Mostra outras imagens fora da máquina, do mesmo tamanho)
Edu: Que tamanho tem essa imagem?
Crianças: Pequeninha
Laiz: E que tamanho ela ficou galera?
Crianças: Gigante! Grande!
Edu: E como deve se chamar uma coisa que deixa as coisas muito grandes?
Crianças: Um grandador! Um gigantificador! Um grampeador! *(Crianças tentando adivinhar)*
Laiz: Vocês têm alguma outra ideia?
Crianças: Um raio de aumentar as coisas!
Laiz: Uma coisa que amplia as coisas, como que é o nome?
(Burburinhos)
Laiz: Quem sabe o que é ampliar? Alguém sabe?
(Todos ao serem perguntados, fazem que não com a cabeça ou fingem que não é com eles)
Laiz: Ampliar é aumentar!
Crianças: Aaah
Laiz: É esse aparelho ele aumenta, ele amplia...
Edu: Então como deve ser o nome de um aparelho que amplia?
Crianças: Ah, é um amplia.
Edu: Amplia.....?
Crianças: Ampliador!!!
Edu: Aaaee! Toca aqui!! Muito bom
 (Resposta transcrita da observação da aula do Projeto Fotobrancante).

Pensando ainda na construção do conhecimento a partir de sua vivência e do cultivar o olhar das crianças, sem impor nenhum conhecimento, lembrando a perspectiva do projeto com o viés do brincar sem nenhum pré-requisito ou necessidade de sair conhecendo algum termo é interessante observar a fala do Edu: “Eles não vão guardar o termo “translúcido”, mas todos viram o que é, viram a luz passando, aquele fenômeno”; e comparar ao que aconteceu durante a aula:

Edu: Olha aqui, olha a luz passando pelo meio da foto...
Edu: Como que chama o material que passa (antes de terminar a pergunta o Caio já responde:)
Crianças: Translúcido
Edu: Isso!! Vocês são demais mesmo
 (Resposta transcrita da observação da aula do Projeto Fotobrancante).

Observando estas duas citações, fica evidente que embora o objetivo e a expectativa do Projeto não seja que as crianças saibam os nomes dos processos ou equipamentos, eles acabam aprendendo, por perceberem que faz parte do processo estas aprendizagens, por verem o processo como natural e o resultado não como algo imposto a eles.

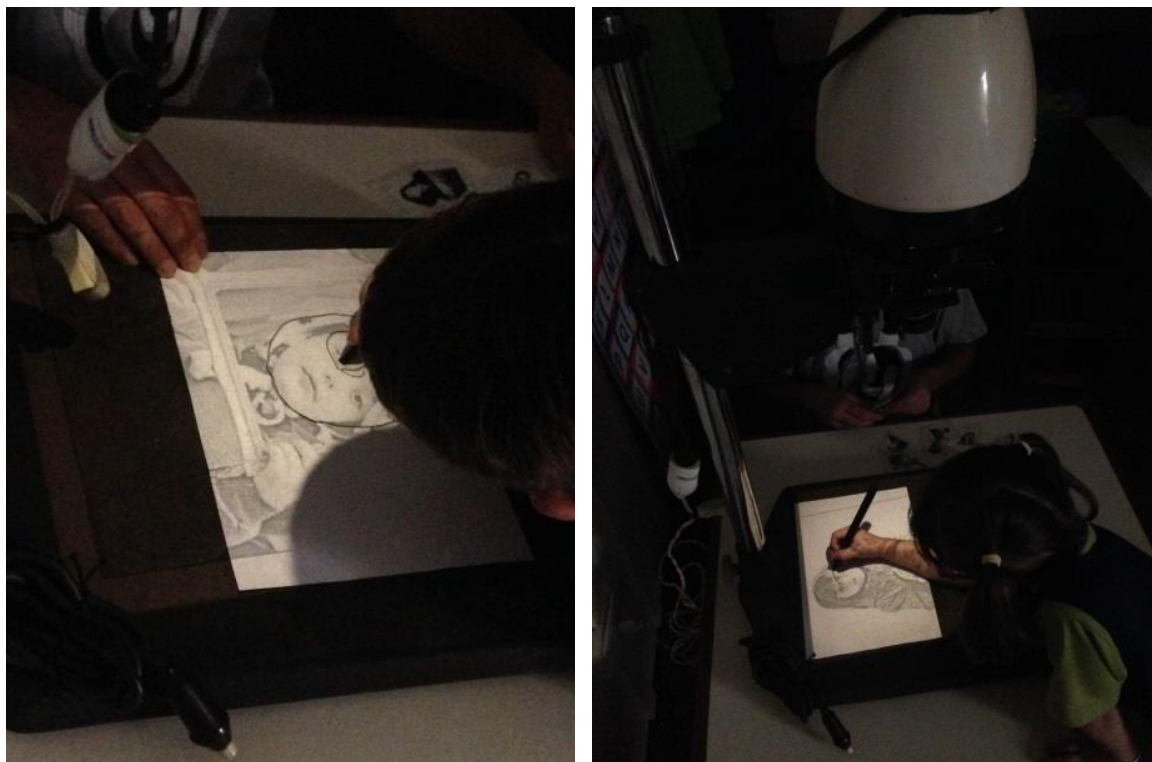
Após as crianças entenderem o processo e tirarem suas possíveis dúvidas, Edu propôs que as crianças fizessem o contorno de sua própria foto,²⁴ que estaria ali ampliada. E assim aconteceu, ele ampliou a foto de todas as crianças, uma por uma; colocou uma folha em branco onde fica a projeção e pediu para que eles contornassem os seus principais traços do rosto; após deveriam terminar o contorno e pintar o seu desenho.

As fotos em questão foram tiradas pelas próprias crianças, em aula anterior, nas palavras de Edu “Essas fotos que eles contornaram hoje, nós fizemos um estúdio. Um fica de fotógrafo e o outro de modelo. E eles clicam. Coloca um tripé e eles olham e clicam”.

FOTO 3 – Crianças desenhando sua sombra



²⁴ Edu trouxe impresso, em papel vegetal, a foto de cada criança em preto em branco.



FONTE: Larissa Monfron (2018)

Após o contorno, cada criança desenvolveu suas pinturas, já fora da máquina, de modo individual, único, enquanto uns tentaram ser os mais fiéis possível à realidade, outros complementaram com informações que achavam interessantes e talvez desejassem para si. Conforme nos aponta Silva (2015, p. 277), “é necessário considerar que as crianças têm suas próprias impressões e ideias, que elas têm suas próprias interpretações sobre o fazer artístico”.

FOTO 4 – Criança complementando seu desenho



FONTE: Larissa Monfron (2018)

FOTO 5 – Desenho das crianças (auto retrato)



FONTE: Larissa Monfron (2018)

A aula em questão relaciona as novas aprendizagens com as descobertas do “eu”. Nesta perspectiva podemos observar que as crianças puderam se reconhecer na projeção, contornar o que mais achavam interessante e depois complementar com características que achavam necessárias em si. Trabalhar o “eu” e a sua construção, percepção é muito delicado nesta fase.

Considerando o que diz a DCNEI e a BNCC, este modo de trabalhar a individualidade no todo²⁵ é de extrema importância, para que a criança se reconheça como um ser igual ao demais, que possui os mesmos direitos e deveres, mas que, ao mesmo tempo, possui características e peculiaridades exclusivas. Ao trabalhar o seu próprio contorno e posteriormente sentar junto com os demais colegas em uma mesa para todos completarem juntos seus desenhos/contornos, os estudantes conseguem observar que todos participaram/fizeram o mesmo processo e chegaram a um resultado diferente, evidenciando que todos são diferentes, mesmo quando participam igualmente do processo.

Na ocasião que estava na escola, tive a oportunidade de conversar com a professora LS e perguntar sobre o seu trabalho com as artes visuais. Ela contou que não trabalha em conjunto com a oficina de fotografia e também não possui conhecimento sobre o que acontece na mesma, apenas fica sabendo quando participa eventualmente da mesma, por curiosidade. Mas, embora ela tenha dito isso, contou que em suas aulas as crianças são desenvolvidas de forma integral:

Nós fazemos aquele monóculo, binóculos; fazemos desenhos de observação, então nós trabalhamos isso com eles em sala de aula. (...). Usam os diferentes tipos de materiais, é tinta ou é carvão, lápis, giz, então tem bastante essas coisas. (Resposta transcrita da entrevista realizada com uma professora da Escola de Educação Infantil Semeador do Saber).

Fica evidente que embora o Projeto e as aulas regulares não se relacionem entre si, ambos se complementam. Pensando ambas as entrevistas, posso concluir que nesta escola se constroem múltiplos alfabetismos. Os professores trabalham conectando diversas áreas, habilidades e suscitando nas crianças olhares interpretativos e críticos da realidade.

²⁵ Todas as crianças participaram igualmente do processo, mas no fim cada uma completou seu desenho individualmente, podendo observar que todos os desenhos eram diferentes.

Segundo Fernando Hernández os múltiplos alfabetismos devem ser organizados e pensados pelos professores juntamente com os alunos. Conjuntamente eles devem procurar experiências que permitam aprender a relacionar meios tradicionais e emergentes; devem buscar fazer observações criativas e expressá-las de formas diferentes; precisam comunicar-se utilizando linguagens e formas de compreensão multiculturais assim como devem buscar ter um bom domínio dos diferentes alfabetos (multimídia, oral, visual, escrito, performativo, etc.) e da numeração (no sentido de aprender a pensar matematicamente) (2007, p. 57 e 58).

Exemplificando a respeito, em ambos os momentos (projeto e aula) as crianças são conduzidas para que ajudem, vivam e construam experiências significativas. Como resultado desta múltipla alfabetização a criança cresce mais crítica, com maior consciência de si e do outro bem como é capaz de realizar observações e criar opiniões a respeito dos mais diversos assuntos, que em outras condições poderia apenas acatar o que os “mais velhos” o imporiam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho teve por objetivo demonstrar como o estudo da fotografia mediada pela Cultura Visual, está se tornando um assunto pertinente nas instituições, em especial de Educação Infantil, uma vez que elas auxiliam a permear e desenvolver os sujeitos frente aos diversos avanços tecnológicos, especialmente os ligados à cultura midiática.

A educação permeia todos os ambientes, antes mesmo das crianças iniciarem na escola, elas já aprenderam muito, como por exemplo, andar, falar e interpretar. Elas interpretam imagens, internalizam sons e absorvem grande parte do que os cerca, de maneira despercebida.

Todas estas aprendizagens são levadas para dentro de sala de aula, cabendo ao professor ajudar as crianças a interpretá-las e reformulá-las quando preciso.

Nesta conjuntura, denota-se a importância de um estudo da Cultura Visual: um estudo que ajuda a perceber as diversas mudanças que acontecem na sociedade, as transformações e os possíveis impactos das práticas visuais na vida dos sujeitos. Dessa forma, a Cultura Visual combinada com a fotografia, ajuda o indivíduo a se perceber no mundo bem como criar hipóteses e opiniões a respeito do que lhe cerca.

Para direcionar esta pesquisa, definiu-se como objetivo geral discutir o papel da fotografia sob a luz da Cultura Visual como uma possibilidade de desenvolvimento das crianças, em seus diversos aspectos. A partir deste tópico pude observar os desdobramentos que um estudo crítico da imagem pode desenvolver nas crianças.

Uma imagem analisada pode possuir diversas interpretações, dependendo por quem ela foi observada, em que período, assim como a interpretação está sujeita aos sentimentos que a pessoa carrega consigo. Atualmente, a mídia utiliza diversas imagens que impactam os diferentes sujeitos, capturando a atenção de seus leitores ou telespectadores. Isto acontece de maneira tão natural que passa de maneira despercebida pelos nossos olhos, mas é internalizada.

Cardoso (2010) diz que a imagem é portadora de diversos significados e Sontag (2010 apud Cordeiro, 2012) complementa dizendo que estamos em uma

imersão visual cotidiana onde as imagens nos passam e acabamos não as interpretando, apenas aceitando-as.

Hernández (2007) escreve que perante esta realidade, é de extrema importância o estudo dos múltiplos alfabetismos, onde a escola deveria alfabetizar os alunos em diversas formas: desde o ler e escrever ao interpretar imagens, vídeos e criar consciência e opinião sobre os mesmos.

Conversando e aprofundando o estudo das imagens, Kellner (2001) exemplifica que a construção da identidade dos sujeitos é baseada em suas vivências, incluindo suas visualidades. Dessa maneira, concordando com Hernández, é necessário que os indivíduos sejam capazes de escolher e perceber outros possíveis caminhos.

A Base Nacional Comum Curricular juntamente com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil possibilitam aberturas para que a construção da identidade bem como o desenvolvimento de aspectos intelectuais, criativos e sociais sejam exercitados e solidificados durante a Educação Infantil.

Ambas defendem que todas as aprendizagens devem acontecer por meio das interações e de brincadeiras e a BNCC complementa dizendo que todos os alunos da Educação Infantil devem: Conviver; Brincar; Participar; Explorar; Expressar e Conhecer-se.

Relacionando estes aspectos junto aos referenciais teóricos pesquisados, fica evidente a possibilidade do uso da fotografia como meio para que as crianças se desenvolvam assim como podemos observar a abertura do currículo das escolas, de modo que cada professor têm a possibilidade de estimular seus alunos conforme a necessidade.

Os resultados obtidos com a referida pesquisa confirmam e exemplificam as hipóteses pensadas no início da mesma. Por meio dela pude confirmar a importância de um trabalho relacionando à fotografia com o viés do estudo da Cultura Visual, possibilitando que as crianças consigam estimular seus olhares, pensamentos e raciocínio acerca da realidade.

Fica evidente a importância dos estudos da Cultura Visual neste processo, de modo que ele auxilia as diversas interpretações da realidade, aumentando as possibilidades de hipóteses, estimulando e ensinando aspectos relacionados ao social, como por exemplo os valores sociais, democráticos e civis bem como auxilia no reconhecimento e auto-reconhecimento do eu e do outro.

Para evidenciar os pontos defendidos na pesquisa, foi realizada uma entrevista com um Projeto de Fotografia, o Projeto Fotobrancante, bem como a observação de uma aula do mesmo projeto. A entrevista comprovou os fatos evidenciados no trabalho, além de que suscitou outros aspectos importantes para a pesquisa. Foi possível perceber que a partir da utilização de imagens e seus derivados as crianças se desenvolveram de forma social, por meio de interações; conseguiram levantar hipóteses, mesmo estas não sendo sempre acertadas, bem como construíam consciência do eu e do outro, aspecto que foi desenvolvido por meio de desenhos, observações e outros.

Pensando possibilidades para um trabalho futuro, pode-se propor junto à escola observada um trabalho conjunto entre o Projeto Fotobrancante com as turmas regulares, a fim de observar o desenvolvimento das mesmas no período de um ano.

Contudo este trabalho não é o fim das possibilidades de se trabalhar a fotografia em sala de aula tomando como base a Cultura Visual. Ele é apenas um primeiro passo para a assimilação entre a importância de um estudo da realidade que nos permeia junto às possibilidades possíveis de se trabalhar com crianças.

REFERÊNCIAS

ABUCHAIM, Beatriz de Oliveira. **Panorama das políticas de Educação Infantil no Brasil**. Brasília: UNESCO, 2018. 115 p. ISBN: 978-85-7652-225-6.

ALVARADO, María del Mar Ramírez et al. Fotografia criativa para as crianças: a alfabetização audiovisual através da fotografia. **Comunicação & Educação**, [s.l.], v. 15, n. 3, p.67-80, 30 dez. 2010. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v15i3p67-80>.

BELEI, Renata Aparecida et al. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPeI**, Pelotas, v. 30, p.187-199, jun. 2008. Quadrimestral.

BERLE, Simone; MURILLO, Márcia Vilma. A Linguagem Audiovisual como Prática Escolar. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 36, n. 61, p.422-439, jun./dez. 2011.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], n. 19, p.20-28, abr. 2002.

BRANDÃO, Zaia. Entre questionários e entrevistas. In: BRANDÃO, Zaia. Pesquisa em educação: conversas com pós-graduandos. Rio de Janeiro: Puc-rio, 2002. p. 27-43. Volume 7 de Coleção Teologia e ciências humanas.

BRANDIMILLER, Julia Burger. **Exercícios do olhar: A fotografia na Educação Infantil**. 2011. 47 f. Tese (Doutorado) - Curso de Curso de Especialização em Pedagogia da Arte., Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Educação é a Base. Brasília: MEC, 2017.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. P. 1-101.

_____. Parecer do Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica nº 20/2009, de 2009. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais Para A Educação Infantil**. Brasília, 11 nov. 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2018.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010

CAMARGO, Edu; ZOTOVICI, Laiz. **Fotobrancante**. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/fotobrancante/>>. Acesso em: 23 maio 2018.

CARDOSO, Lúcia de Fátima Padilha. **Cultura Visual e a Educação Através da Imagem**. 2010. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Design, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2010.

CORDEIRO, Andréa. Fotografia, infância e a cidade na modernidade. **Revista Alegrar**, 9 (9), p.1-13, jun. 2012
 EDUCADOR 360. **Descubra o que especialistas da educação estão debatendo sobre a BNCC**. 2018. Disponível em:
 <<https://educador360.com/gestao/especialistas-da-educacao-debatendo-bncc/>>.
 Acesso em: 01 out. 2018.

FOCHI, Paulo. Vamos falar sobre a BNCC? O que são campos de experiência? 2018. Disponível em: <<https://lunetas.com.br/vamos-falar-sobre-a-bncc-o-que-sao-campos-de-experiencia/>>. Acesso em: 08 out. 2018.

FOTOBRINCANTE. **Fotobrancante**. 2016. Disponível em:
 <<https://www.facebook.com/fotobrancante/>>. Acesso em: 23 maio 2018.

FRESQUET, Adriana. Cinema, infância e educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30. Caxambu, MG, 07 a 10 de outubro de 2007.

_____. Reflexões sobre algumas experiências de cinema e educação. In: FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. Cap. 1. p. 19-28. Coleção Autoridade e Criação, 2.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: Proposta para uma nova Narrativa Educacional**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007. 128 p.

KELLNER, Douglas. Televisão, propaganda e construção da identidade pós-moderna. In: KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia: Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru - SP: EDUSC, 2001. p. 295-334. Tradução de Ivone Castilho Benedetti.

LIMA, Diana Aparecida de. **Num mundo de selfies: A fotografia como recurso pedagógico para a Educação Infantil**. 2015. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

MIND LAB. **A Mind Lab**. Disponível em: <<https://www.mindlab.com.br/a-mind-lab/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

Poesia de Loris Malaguzzi: *Invece il cento c'è* publicada in: Edwards, C., Gandin, L. i Forman, G. I cento linguaggi dei bambini. Edizione Junior, Itália, 1995 e recentemente publicada em português pelas Artes Médicas como: As Cem Linguagens da Criança. Com ilustração de TONUCCI, Francesco. Com olhos de criança. (Trad. Patrícia Chittoni Ramos). Porto. Alegre: Artes Médicas, 1997.

RAMOS, Ana Lucia Azevedo; TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Os professores e o Cinema na Companhia de Bergala. **Revista Contemporânea de Educação**,

Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.7-22, jul. /dez. 2010. Semestral.

SANCHEZ, Renata Latuf de Oliveira. Estruturalismo e Pós-Estruturalismo: Diálogos entre Cinema e Arquitetura. **Revista Anagrama**: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, São Paulo, v. 6, n. 1, p.1-14, set. – nov. 2012. Trimestral.

SEMEADOR, Escola. **Escola Semeador**. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/CEISemeador/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

_____. **Escola Semeador: Crescer e Florescer**. 2016. Disponível em: <<https://www.escolasemeador.com/>>. Acesso em: 26 out. 2018.

SILVA, Lenice Ferreira Lira da. A NATUREZA EM UM CLIK: “ATRAVÉS DO OLHAR DOS PEQUENOS”. **Saberes Docentes em Ação**, Maceió, v. 1, n. 1, p.274-287, nov. 2015. Semestral.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 223 p. Trad.: Rubens Figueiredo.

VALIM, Alexandre Busko. **Cultura e mídia em um estudo multidimensional**. 2002. 5 f. Resenha - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2002.

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIOS APLICADOS

PROJETO FOTOBRINCANTE

1. Contem um pouco da trajetória acadêmica e profissional
2. Vocês são os idealizadores do projeto? Como tudo começou?
3. O que motivou ou influenciou a escolha pelo projeto? Vocês lembram quando isso se deu e em que circunstância?
4. Como acontece o projeto? (Atividades, dias, turmas mistas, etc.).
5. Há quanto tempo o projeto existe? Quais os demais locais que ele aconteceu e acontece?
6. Quais são os seus benefícios que vocês observam ao trabalhar a fotografia com as crianças?
7. Vocês possuem planejamento? Como o pensam/constroem?
8. Que referencial teórico apoia suas ações no projeto?
9. Fernando Hernández defende um *alfabetismo visual crítico*, onde as crianças precisariam ser alfabetizadas sob a perspectiva visual também. Ou seja, a criança precisaria aprender a interpretar as imagens, as mídias e a sociedade midiática atual, considerando os diversos contextos. Vocês acham que esta proposta é relevante para a sociedade atual?
10. Quais são os resultados alcançados? Estes são os desejados por vocês?
11. O que vocês pensam a respeito da BNCC?

PROFESSORA

1. O que motivou ou influenciou a escolha da fotografia como um possível recurso de documentação pedagógica?
2. Vocês trabalham a fotografia em sala de aula também?
3. Como acontece o registro? Como escolhem as fotografias?
4. Há quanto tempo utiliza a fotografia como meio de registro? Viu alguma mudança no seu trabalho?
5. Fernando Hernández defende um *alfabetismo visual crítico*, onde as crianças precisariam ser alfabetizadas sob a perspectiva visual também. Ou seja, a criança precisaria aprender a interpretar as imagens, as mídias e a sociedade midiática atual, considerando os diversos contextos. Vocês acham que esta proposta é relevante para a sociedade atual?

APÊNDICE 2 – CARTA DE APRESENTAÇÃO E AUTORIZAÇÃO**TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ALUNOS****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordo em deixar meu filho (a) participar, como voluntário (a), do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de graduação Larissa Monfron, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, que pode ser contatada pelo e-mail larimonfron@gmail.com. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com crianças e professores, visando, por parte da referida aluna a realização de um Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação da Prof.^a Dr.^a Andréa Cordeiro, do Setor de Educação da UFPR.

A participação do meu filho (a) consistirá em participar de uma conversa. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura

Curitiba, ____ de _____ de 2018.

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA IDEALIZADORES DO PROJETO E PROFESSORA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de graduação Larissa Monfron, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, que pode ser contatada pelo e-mail larimonfron@gmail.com. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com crianças e professores, visando, por parte da referida aluna a realização de um Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação da Prof.^a Dr.^a Andréa Cordeiro, do Setor de Educação da UFPR.

Minha participação consistirá em responder um questionário. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura

Curitiba, ____ de _____ de 2018.

APÊNDICE 3 - TRANSCRIÇÕES

AULA DE FOTOGRAFIA

TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO DE UMA AULA DO PROJETO DE FOTOGRAFIA: FOTOBRINCANTE. NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL SEMEADOR DO SABER.

Todos os nomes dos alunos são fictícios

Edu: o que acontece com a fotografia quando a gente clica no botão? Ela vai para aonde? Quem sabe me dizer?

Crianças: vai para a câmera

Edu: E fica guardada aonde?

Crianças: Na memória da câmera

Edu: Isso, na memória da câmera.

Edu: E antigamente, quando não tinha o cartão de memória, vocês sabem como acontecia? Aonde a gente gravava? Vocês lembram o que eu falei?

Crianças: Nããão

Crianças: Naquelas câmeras velhas?

Edu: Isso, naquelas beem antigas.

(Murmúrios)

Edu: Isso, no filme *(mostra o filme/Slide)*.

Edu: Quem lembra o nome desse?

Crianças: Filme o extraordinário

Crianças: Eeeeu!!! Como que chama João?

Edu: Dá uma olhada aqui, pertinho, pra ver se você lembra do nome. *(Mostra para todas as crianças, uma por uma)*.

Edu: S.... s...

(Crianças tentando adivinhar inventando palavras)

Crianças: Slides...

Edu: Slides... Slides...!! Então esse aqui era um tipo de filme, que a gente fotografava e caía na câmera. E como que a gente tirava da câmera esse filme?

Edu: A gente põe pra dentro da câmera esse filme, e como que a gente jogava pra fora?

(Burburinhos tentando adivinhar).

Edu: A gente pegava a imagem. *[Imaginem]* Eu ia fotografar vocês aqui, fazia click e *ploft*, entrava pra dentro da câmera e como que eu jogava pra fora essa imagem?

Crianças: Tem que abrir a câmera

Edu: Isso, mas a gente usava outro tipo de câmera, um outro aparelho. É esse aparelho que eu trouxe para vocês conhecerem...!!

Edu: Nós vamos montar um quebra-cabeça gigante aqui com vocês. Essa aqui é a nossa base, aqui passa um fio. *(Mostrou a base, mostrou o fio, passou dentro da base)*

Crianças: *(Enquanto ele montava, as crianças foram tentando adivinhar o que era)*. Parece um secador de cabelo; um aspirador; uma máquina do tempo; um negócio de ver as coisas; elevador

Edu: Ééh... Tá perto, elevou aqui ó *(Mexeu pra cima e pra baixo várias vezes a máquina)*

Edu: Eu posso subir e descer, olhem...

Crianças: Ele eleva mesmo!!

Edu: Mas porque ele levanta e desce?

Crianças: Porque tem uma câmera aqui *(menino mostra que debaixo da parte que desce e sobe tem uma lente)*

(Edu pega a lente e mostra a eles...)

Edu: E para que serve esse aqui? Que peça é essa aqui?

Crianças: Uma câmera

Edu: Isso aqui tem em uma câmera?

Crianças: Siiiiimm

Edu: E como se chama essa parte?

Crianças: O olho da câmera!!

Laiz: Como que é o nome do olho da câmera?

Crianças: Éee! Lente!!

Edu: Isso aí Caio, toca aqui!

Edu: Aonde vai o olho da câmera?

Crianças: Tira foto disso aqui!

Edu: Não, calma! Hoje a gente não vai tirar foto, vai ser ao contrário!

Edu: Agora nós vamos para a parte mais sensível. Ela tem um olho, mas olha esse aqui! Olha o olhão! É uma lente também!

(Mostra outra lente, muito maior que a anterior. Vai mostrando bem pertinho do rosto de cada um! De forma bem animada)

Edu: Olha, parece até uma lente de aumento bem grande!! É uma lente de aumento!

Laiz: Ela é bem sensível! Precisa tomar muito cuidado, não pode pôr a mão, ela é como nosso olhinho, se colocar a mão dói né? Se colocar aqui também!

(Depois de mostrar a todos, coloca na máquina)

Edu: Esse aqui é o condensador.... Agora faltou a última parte, essa aqui é a nossa cabeça... E o que tem dentro da cabeça?

Crianças: Céerebro

Edu: Olha o cérebro da nossa máquina!!

(Ele mostra para todos os alunos, um por um, a peça que segura) (Todos olhando espantados e curiosos)

Edu: O que tem dentro da cabeça da nossa máquina?

Crianças: Tem uma lâmpada!!

Edu: Você tem uma lâmpada também dentro da sua cabeça?

Crianças: Nãao

Edu: Aah, você não tem um monte de ideia? Que sai uma lampadazinha assim?

Crianças: É! E tem uma lâmpada lá encima!

Edu: Então, daqui que vem as ideias da nossa máquina!! Olha!!!

Edu: Porque será que tem uma lâmpada, aqui na nossa máquina?

Crianças: Aah, já sei, é pra colocar ali dentro e refletir e bater aqui! *(Mostra a base da máquina, onde a luz, mais tarde, vai mostrar a foto)*

Edu: Aaaahh, você é demais, toca aqui!! Muito bom!

Edu: E pra que serve esse aqui? *(Mostrando uma extensão)*

Crianças: Pra aumentar o fio

Edu: E como se chama um aumentador de fio?

Crianças: Extensão

Edu: Isso mesmo!! Para a gente poder alcançar a parede só! *(Liga a máquina na tomada)*

Edu: Agora estamos com o nosso quebra-cabeça montado!! Mas como é o nome disso aqui mesmo?

Edu: Falaram elevador.... Será que é?

Crianças: É um corpo.... É um elevador... *(Crianças começam e tentar adivinhar novamente)*

(Apaga a luz e o Edu liga o aparelho.)

Crianças: *(Todos falam)* UUUAALLL!!!!

Edu: E pra que serve isso? *(Mostrando a luz)*

Edu: Tá bonito né? Mas o que tá faltando aqui?

Crianças: Um papel... Um desenho... *(Crianças tentando adivinhar)*

Edu: Aonde eu coloco o papel? *(Crianças apontam)*

(Edu tira uma "moldura" de dentro da máquina)

Edu: Para que serve isso?

(Passa para eles darem olharem e adivinharem o que é – de mão em mão)

Crianças: É uma dentadura!!

(Depois que todos olham, ele pega um slide e coloca dentro da moldura e encaixa novamente na máquina.... Apaga a luz novamente)

Edu: Olhem aqui, vamos ligar aqui no 1... 2... 3... E JAAA

Edu: Olha o que apareceu lá.... Quem é esse?

Crianças: É o João!!

Edu: Olha!! O João tá gigante...!!

Edu: Vamos embaçar o João? *(Mexe no foco).* Acho que esqueci meus óculos!!! Não to enxergando o João direito *(Fala com tom de brincadeira)*

Edu: Vamos colocar os óculos? Fiquem olhando o olho do João.

Edu: Vocês tão percebendo o que está acontecendo?

Laiz: Ele tá em foco ou sem foco agora?

Crianças: sem foco!

Edu: E agora, olha o que apareceu.... Olha o que apareceu.... Olhem os pontinhos...!! Você consegue ver? E você? *(Vai apontando conforme vai falando).*

Edu: Que tamanho que era aquela imagem? *(Se referindo ao Slide que ele colocou na moldura)*

(Mostra outras imagens fora da máquina, do mesmo tamanho)

Edu: Que tamanho tem essa imagem?

Crianças: Pequeninha

Laiz: E que tamanho ela ficou galera?

Crianças: Gigante! Grande!

Edu: E como deve se chamar uma coisa que deixa as coisas muito grandes?

Crianças: Um grandizador! Um gigantificador! Um grampeador! *(Crianças tentando adivinhar)*

Laiz: Vocês têm alguma outra ideia?

Crianças: Um raio de aumentar as coisas!

Laiz: Uma coisa que amplia as coisas, como que é o nome?

(Burburinhos)

Laiz: Quem sabe o que é ampliar? Alguém sabe?

(Todos ao serem perguntados, fazem que não com a cabeça ou fingem que não é com eles)

Laiz: Ampliar é aumentar!

Crianças: Aaah

Laiz: E esse aparelho ele aumenta, ele amplia...

Edu: Então como deve ser o nome de um aparelho que amplia?

Crianças: Ah, é um amplia.

Edu: Amplia.....?

Crianças: Ampliador!!!

Edu: Aaaee! Toca aqui!! Muito bom

Edu: Então esse aqui. Quando a gente fotografava antigamente, a gente trazia para um aparelho como esse, para ampliar a nossa foto... Olha o tamanho da foto que a gente tirava... *(mostra as fotos pequenas novamente, mas dessa vez mostra uma de flores)*

Edu: Que tamanho tem esse Slide? Muito grande ou muito pequeno?

Crianças: Muito Pequeno

Edu: Então, olhem aqui, vou colocar na nossa moldurinha e vamos ver

(Apaga luz) (Olham a imagem reproduzida, observam se tem foco, não tem foco)

Edu: Olhem o slide, a gente sempre pega pela moldura! Ele é sensível, é uma foto muito sensível, então a gente sempre segura ele pela moldurinha, nunca pode colocar o dedinho na foto, sempre na lateralzinha, na moldura.

Edu: Vou posicionar aqui na moldura da máquina, no buraquinho...

Edu: A luz passa aqui no meio da foto?

Crianças: Nãaaoo

Edu: Não passa?

Edu: Olha aqui, olha a luz passando pelo meio da foto...

Edu: Como que chama o material que passa (antes de terminar a pergunta o Caio já responde:)

Crianças: Translúcido

Edu: Isso!! Vocês são demais mesmo

Edu: Então vamos lá... 1... 2.... 3.... E já!!

Edu: Olha, eu vou mostrar mais um recurso do ampliador.... Vocês tão vendo que tá bem clarinho? Dá pra ver bem?!

Edu: Agora nós temos uma coisa aqui que regula a quantidade de luz que vai passar. *(Vai mexendo e falando em um tom que desperta a atenção e a curiosidade deles)*

Edu: Olhem! Olhem! Prestem atenção! Tão vendo que tá ficando mais fraquinho? Tá vendo?!

Crianças: Tá ficando escuro!!

Edu: Por quê?

Edu: Sabe o que eu to fazendo? To fechando.... Aqui tem um burquinho que passa luz na lente. Agora eu vou abrir, chama-se abertura.

Edu: Nós temos na nossa câmera também

Crianças: Assim, é porque ela fica fechada e aí abre, aí quando fecha entra só um pouquinho

Edu: E no nosso olho, tem uma coisinha assim também?

Crianças: Não

Edu: Não tem uma coisinha preta lá no meio? Como que chama aquela bolinha preta no nosso olho?

Edu: Vamos olhar o olho de todo mundo. Vamos acender a luz para todo mundo olhar o olho de todo mundo! *(Acendem a luz e todos ficam reparando na bolinha preta dos olhos, nos colegas).*

Edu: Tem uma bolinha lá, no meio? Como tá essa bolinha? Tá grande ou pequena?

(Burburinhos)

Edu: Tá grande, olha! Essa é nossa pupila...!

Edu: Olhem dentro dessa lente, tão vendo que tá passando luz por toda ela? Agora fiquem olhando, tão vendo que tá fechando, viram que o burquinho tá diminuindo? *(Ele desencaixou a lente da câmera para mostrar a eles como funciona a regulagem da câmera sobre a exposição de luz - abertura)*

Edu: Então, o nosso olho tem a pupila, essa bolinha preta. Quando a gente vai no Sol muito forte, ela faz *(mostra fechando a mão)* fica bem fechadinha, e quando a gente tá no escurão, ela faz assim *(mostra na mão abrindo)*, e abre. Quando nós sairmos, percebam lá no Sol como ela faz.

Edu: Agora vamos fazer as ampliações das nossas fotos aqui. *(Ele trouxe impresso, em papel vegetal, a foto de cada uma das crianças em preto e branco- estas fotos foram tiradas por eles em outra aula).*

(Pede para que eles sentem e quem estiver sentado vai fazer a primeira ampliação)

Edu: Nós vamos ampliar a Letícia. Vamos colocar a moldura na foto. Agora vamos fechar e colocar aqui *(na máquina)*. *(Na base do amplificador, tem uma folha em branco e as crianças vão contornar o seu rosto com uma canetinha preta)*

Edu: Agora a Letícia vai pegar e seguir as suas linhas. Vamos enquadrar ela aqui dentro. Vamos fazer o foco antes! Reparem que tem vários pontinhos que formam a imagem!

Edu: Agora você vai fazer o contorno.... Faz assim, contorna a sobrancelha... Os olhos... Nariz... Boca.... Faz a bolinha do olho também! Os dentes também... O queixo.... As orelhas... O contorno de todo o rosto agora.... Agora você vai complementar lá fora!

Laiz: Vamos lá fora complementar, Edu?!

Edu: Sim! Para conseguir ver o desenho e colorir. Leva esse aqui para continuar seu desenho. *(Referindo-se ao Slide com a foto da Letícia)*

(Outras crianças fizeram o desenho, desta mesma forma: com ele auxiliando o que deveriam contornar. Alguns contornaram mais certo, outros não conseguiram seguir tão bem as suas linhas e outros – os mais novos- apenas riscavam, mas tentavam)

Laiz: só de quem quiser! *(Laiz entra na sala para falar para o Edu)*

(Crianças contornando)

Edu: Agora você vai lá fora complementar...

(Crianças contornando)

Crianças: o que é complementar?

Edu: Complementar é você continuar seu desenho!

(Crianças contornando)

Estagiário: o Felipe não quer fazer

Edu: Tudo bem

(Terminaram todas as crianças) (Enquanto a última saiu).

Eu: É multisseriada a oficina?

Edu: São, é porque este é o contra turno, então vêm todas que os pais trazem esse horário e também é o horário que os pais precisam. Mas varia, tem dias que uns vem, outros não. Agora está formando um grupinho legal. O legal de fazer esta continuidade é que eles vão aprendendo, vão pegando.

Edu: Assim, tem alguns que vem um dia, aí para esses é mais uma brincadeira. Mas quem vem sempre e os mais velhos, estes vão entendendo; mas mesmo os mais novos, que não vão entendendo, entendendo, eles vão tento um contato. Vão ter uma memória.

(Edu foi lá fora ver os desenhos, e ambos – Edu e Laiz - elogiaram todos os desenhos. As primeiras crianças já estavam brincando no parquinho, outros ainda estavam desenhando.).

ENTREVISTA COM O PROJETO

TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO DA ENTREVISTA CONCEDIDA POR EDU E LAIZ, IDEALIZADORES DO PROJETO FOTOBRINCANTE. REALIZADA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL SEMEADOR DO SABER.

Eu: Faz tempo que fazem o projeto na escola?

Laiz: Ano passado inteiro. Vai fechar dois anos, nós só fazíamos em museu ou em evento, fazíamos muito no Muralzinho de ideias, não sei se você conhece.

O Muralzinho é um site de programação infantil e eles disponibilizam às vezes as programações. Tipo na Gastronomix, eles têm *stands* do Muralzinho. Aí nós damos oficinas; no MON, junto com a rodinha de fotógrafos, mas na escola, como contra turno nesta escola, faz dois anos. Demos também como contra turno e como oficina extra na Projeto 21, antiga Palmares, no Campina do Siqueira.

Assim, o foco não é ensinar a fotografia, apesar de que eles vão absorver o conteúdo, mas o foco maior é exercitar o olhar. Na verdade, não é exercitar, como eu sempre falo, é cultivar o olhar. Porque exercitar eles não precisam nessa idade. É cultivar o que eles já têm. O que a escola depois vai tirando. Aí depois de velho chega e diz “vamos fazer curso de criatividade pra voltar a ser criativo”, pra recuperar uma coisa que você já tinha.

A gente tinha e perdeu porque vai se fechando e fechando. Então aí você vai fazer um curso de criatividade e desconstrói tudo, mas infelizmente na educação que nós temos hoje, nas escolas dos mais velhos, é o que provavelmente vai acontecer.

Mas assim, a ideia é que, o quanto mais nós conseguirmos segurar e cultivar o próprio olhar, façamos isso. Muitas das escolas, já na idade deles, já estão com outro foco, não o de olhar. Já começam com uma alfabetização muito precoce, então a criança acaba ficando mini gênio muito cedo, mas zero de criatividade.

É porque isso, o brincar espontâneo é o importante para eles nessa fase. É o que eu acredito né. Tem uma hora que eles vão entrar em outro ritmo, então se isso for cortado tão pequenininho, depois é correr atrás do prejuízo, ou com workshops de desconstrução ou com terapia.

Eu: O que está crescendo muito atualmente... muitos adolescentes começando com terapia.

Laiz: Exatamente, eu faço análise e a minha analista fala que os adolescentes, têm tudo tão pronto, tão rápido, que eles são mais interessados, não precisam olhar, isso está gerando muitos problemas sérios.

Isso está gerando muitas angústias. Aumentou muito os casos de suicídio. Então assim, são coisas que aumentaram com isso de passar muito rápido, de coisas instantâneas. Tanto que o nosso foco aqui com eles não é a tecnologia, alguns pegaram as câmeras e fotografaram, mas assim, é uma aula de fotografia que praticamente, como a maioria das crianças é muito pequena, tocaram pouco nas câmeras em si.

Eu: Você é formada em que?

Laiz: Eu fiz um ano de pedagogia, mas eu sou formada em publicidade e sou fotógrafa. Fiz curso, mas não pela universidade. O Edu é Designer.

Eu saí muito decepcionada da pedagogia. No fim do ano eu saí me perguntando pra que serve a pedagogia, porque eu fiz. E hoje eu vejo muito sentido, depois que eu tive dois filhos, eu comecei a estudar pedagogia de novo para poder escolher uma escola para eles. E então pensava, “eu aprendi isso na faculdade”. Eu achava que foi dado tão jogado, tão desconceitualizado, que eu não via sentido, não via porque estudar aquilo. Então quando fui procurar a escola que eu queria para eles, eu voltei a estudar e “eu quero voltar para faculdade”. Aí eu estava com a prática embutida: porque assim, o que eu quero para eles: livros ao alcance da mão, quero brinquedos, quero... que é a prática junto com o conceito pedagógico.

Aí eles passaram por todos os tipos de escola: desde a Waldorf, desconstrutivista, sócio-interacionista, a que se diz Freinet, passaram por todos os tipos, e você vai vendo o funciona, o que é real, o que é só discurso. Porque assim, todas as escolas hoje se intitulam alguma coisa, aí você vai lá ver e não tem brinquedo para eles tocarem. Mas quando você vai visitar a escola, você já percebe se eles têm acesso ou não, se só está exposto para um dia de uma atividade específica que eles vão fazer. Então é essa ideia, que eles manipulem, mexam e experimentem. Esse é o legal daqui do Semeador. Isso dá uma tranquilidade muito grande para as crianças.

Eu fotografo a escola aqui também algumas outras escolas também. E eu percebo mudança no comportamento da criança, em como ela recebe pessoas diferentes na escola, quando eles se sentem seguros do seu espaço. Não se sente

ameaçado. Claro que elas estranham, normal, mas você vê quando uma escola é mais arredia ou mais acolhedora.

Esse olhar pedagógico para a criança é muito importante. É sentar na altura deles e vamos fotografar eles de perto.

Eu: O projeto começou com vocês?

Edu: Na verdade o termo “Fotobrancante” nós começamos numa ideia de adultos. Nós começamos a fazer um grupo que falávamos um tema e as pessoas fotografavam. Era um site, em que jogávamos um tema e gente do mundo inteiro ia lá e fotografava. Então era isso, uma brincadeira de adultos.

E aí me convidaram para fazer uma oficina lá no Projeto 21. Então nos reunimos lá, as crianças levaram a câmera e fizemos umas brincadeiras; mas eles já eram maiores, tinham 10 anos mais ou menos. Foi só um dia. No ano seguinte, nós fizemos o ano inteiro, com todos, os pequenos e os maiores também. E ali nós estruturamos todo o projeto. Fizemos um ano inteiro sequencial de aulas, de atividades.

Eu: Então vocês têm um planejamento?

Edu: Temos, mas nós vamos alterando conforme o desenvolvimento e conforme as coisas vão acontecendo.

Laiz: Nós temos um planejamento aberto. Porque assim, aqui por exemplo, no começo, nós víamos com muitos assuntos. E eu percebi que o mesmo conteúdo, eles vão falar sobre foco e enquadramento. Às vezes a criança queria mais, só aquele tempo era pouco. Então na próxima aula, nós voltávamos e estendíamos mais.

Edu: Ele não é um currículo formal, fechado, tenho que passar. Nós temos conceitos básicos de fotografia e nós vamos passando o conteúdo de acordo com a idade das crianças. Nós temos uma variação de idade, tem crianças de dois anos que vem com a gente e também crianças de seis anos de idade. É totalmente outro planeta né. Mas você viu, a gente vai, passa, os menores entendem de uma forma, os maiores já entendem de outra, dos grandes extraí mais coisas.

Laiz: Pra gente é uma caixinha de surpresa. Quando começamos aqui, a ideia era dar o projeto com as crianças maiores, e na hora os menores foram entrando na sala e foram fazendo. Aí mudou bastante, o que que é a aula, temos que fazer uma aula que agregue os dois. Alguns vão ficar um tempo maior outros, menor. Alguns vão ficar 5 min de atenção, outros 10 e outros passam do horário.

Então depende muito da concentração da criança. Então como é um contra turno e como é para contemplar todas as crianças, cada um vai em seu tempo. Eles se ajudam também.

Eu: A atenção que eles colocaram em você, enquanto explicava, foi muito legal

Edu: Nós achávamos primeiro, que eles não iam entender. Que não iriam falar nada. E tivemos casos que a criança mal falava e chegava em casa e contava aos pais o que havia feito na aula, coisinhas que ela viu, que fez.

Laiz: Nós os subestimamos, muitas vezes pensamos que eles são muito pequenos e não entendem. Então não vamos fazer. Não, eles vão receber o que a idade permite, mas eles vão receber.

Edu: Eles não vão guardar o termo “translúcido”, mas todos viram o que é, viram a luz passando, aquele fenômeno.

Laiz: Eu comparo isso com uma fala dos mais velhos: “eu vou levar ele viajar”, “mas ele não vai entender nada, ele não guardar nada, não vai lembrar de nada. ”, vai, na verdade está tudo na sua caixinha. Não é uma memória muito consciente, ele não vai chegar pro pai e contar tudo o que ele aprendeu, ele não vai lembrar daqui um ano, conscientemente, mas vai estar tudo dentro da caixinha de criatividade de informação, então não dá pra subestimar. Falar para eles ficarem dentro de uma sala, fechadinhos porque eles não precisam desse tipo de estímulo. Eles precisam, é importante, isso cria repertório para a vida inteira!

Edu: A ideia é o brincar né. Não tem exigência, não tem um pré-requisito, eles não precisam sair daqui sabendo tal coisa. Ele está brincando, ele pega uma lente, ele coloca filtro, ele muda de cor, as crianças já fazem isso naturalmente. Nós só conduzimos um pouco essa brincadeira.

Eu: Achei muito legal vocês relacionarem a lente com o olhar deles

Laiz: ah, isso nós batemos muito nessa tecla. Até porque nós falamos sobre não tocar na lente porque não pode tocar no olho também, se não machuca. Essa é uma das primeiras aulas que nós vamos explicar sobre o olho e a lente, o olho e o corpo da câmera, nós explicamos como cuidar, manusear este equipamento. Porque a primeira coisa que ele vai fazer quando chegar em casa é saber que não é pra colocar a mãozinha na lente.

Edu: Nós desmontamos a câmera e vamos mostrando, conversando, explicando, passamos nas mãos deles para eles tocarem. Passamos algumas lentes, alguns filtros que não tem problema colocar a mão

Laiz: Todo começo de semestre nós montamos uma câmera de brinquedo. Nós vamos explicar todas as partes da câmera, nós montamos uma câmera de brinquedo com eles. Nós trazemos várias sucatas e eles vão escolhendo e montando. Vai mais ou menos um mês nessa montagem. As aulas são pequenas, então demora um pouco mais. Mas como nós vamos explicando a câmera e montando aos poucos. No fim eles tem uma camerazinha deles. É muito legal

Ano passado nós fizemos as câmeras e no final do ano eles levam embora. Um pai veio contar pra gente que o filho mais velho e o mais novo, o mais velho não estudava aqui, mas fazia a oficina junto. Ele falou que as férias inteiras eles levaram para a casa da avó e ficaram fotografando as coisas.

Eu: O equipamento é de vocês?

Edu: É sim, é nosso. Eu tenho bastante coisa e algumas outras eu vou adaptando. Criando.

Nós começamos a trabalhar com transparências e Slides. Primeiro trabalhamos com elas maiores. Hoje foi a primeira vez que eu trouxe o equipamento para eles verem. A primeira vez trouxe uma mesa de luz, e eles olhavam e colocaram cor depois. E depois eu fiz um pouquinho menor as fotos, para poder ampliar e eles fazerem esse contorno.

Eu: Eu acho bem vocês trabalharem o autorretrato. A escola preza muito por isso

Edu: Essas fotos que eles contornaram hoje, nós fizemos um estúdio. Um fica de fotógrafo e o outro de modelo. E eles clicam. Coloca um tripé e eles olham e clicam. Fazem fotos, nós vamos adaptando ao conteúdo deles. No Projeto 21, nós fizemos com crianças de 13 14 anos, aí lá levava flash grandes, fazia ligarem, faziam pautas de jornais, fotografarem um evento, você vai adaptando o conteúdo com a idade deles. E também com o tempo. Várias vezes nos convidaram para participar de eventos, como por exemplo, lá na Gastronomix, que são duas horas de eventos. E daí, como que a gente faz? Aí eu tenho que fazer um modelo pré-pronto, um padrão, que é só eles encaixarem. Eu já deixo pré-montado e eles vão lá encaixam, montam e pintam.

Laiz: Nós trabalhamos um ano na Avenida das Torres.

Edu: Nós fizemos a câmera com eles também e na outra semana, um dos meninos veio com mais três câmeras novas e já tinha bolado um jeito de revestir com papel crepom. Várias coisas que nós vamos fazendo são invenções deles, que vai dando certo. Igual um cara inventou uma com duas lentes, vamos fazer também uma câmera com duas lentes, porque não?

E é outra realidade, é muito diferente a valorização. Onde uma câmera é uma câmera de verdade, vou levar para casa, mas to com medo que alguém roube, porque moram onde tem mais violência, infelizmente. Então eles falavam que iam guardar bem a minha câmera, então é muito legal. Eles esperavam pelas aulas.

Laiz: Eu sinto que está um pouco poluído isso da criança se fotografar, a self. É muito automático, a maioria das crianças tiram foto, self. Nós fotografamos muito as crianças, e vários pais falam que elas não tiram foto, elas gostam de tirar self com eles. Aí vai lá, vira, faz biquinho e tira a foto.

Edu: Nós trabalhamos muito também com a impressão, o digital está muito na tela. Nós tínhamos álbuns, álbuns da festa. Fora o projeto, nós temos o estúdio. Nas escolas nós fotografamos o cotidiano das crianças o ano inteiro e no final do ano montamos o foto-livro. Nisso você vê as crianças pegando. E é essa memória da construção dela. Igual ela teve três anos ela tem o álbum dela de três anos, ela tem contato com essas fotos. São aquelas memórias que vão sempre retornar para elas, das impressas. Ela tateia as fotos.

Laiz: É tão importante para elas, que tem mães que contam que as crianças chegam a dormir abraçadas com o livro delas. Contam que nas viagens eles levam; cada vez que chegava visitas elas chegavam com o livro para mostrar.

Edu: Porque a foto tem isso, o registro, a memória.

Eu: Sobre a BNCC, vocês têm alguma opinião, conhecimento sobre?

Laiz: Não, conhecimento zero.

Edu: Eu dou aula para criança pela formação em artes visuais. Fiz quando tinha 17 anos. A gente não está nesse lado mais formal da educação, estamos mais no outro lado, de desconstruir um currículo formal.

Laiz: Em todas as escolas que a gente participou nunca existiu um treinamento do que nós deveríamos fazer. Sempre tivemos muita liberdade. Na Projeto 21, uma escola muito grande, que já tem 30 e poucos anos, nunca existiu uma formação para gente, eles confiaram. Aqui também.

Edu: Até porque nós não somos professores curriculares, nós somos contra turno.

Laiz: Eu tenho um grande desejo de permanecer neste lugar, de não formalizar o currículo. Nós correríamos o risco de ficar naquele: "não pode, não pode, não pode". Nós demos aula até na Escola Waldorf, que tem uma metodologia totalmente fechada.

Edu: Lembrei agora que nós trabalhamos também em uma colônia de férias, Ipê Amarelo. Sempre íamos lá como fotógrafos, para retratar. Então ela chegou lá e nos fez um convite: "vocês não querem fazer a colônia?" A gente até ficou assim né. Ia gente de milhões de colégios. Ela propôs e foi um desafio super legal. Acho que nós fizemos três colônias.

Laiz: Na verdade ela chegou pra gente e falou venham abraçar o projeto, e a gente ficou desde a parte de fazer a fotografia o tempo inteiro até cuidar das crianças. No ano seguinte, eu quero vocês, mas eu vou ter professores para fazer essa parte; eu quero vocês no ateliê. E eu tinha uma grande dúvida: o espaço do Ipê Amarelo é gigantescamente lindo e cheio de verde, tinha uma floresta. E eu pensava que criança que ia querer ficar naquele ateliê tendo aquele espaço nas férias, eu estava com muito medo. E ela falou que o ateliê ia ficar o tempo inteiro aberto para quem quisesse entrar. E o ateliê vivia lotado

Então é muito legal que de ver que as crianças, que você dá liberdade para elas fazerem o que quiser, ela vem atrás do conhecimento. Mas se você obriga ela, ela começa a querer fugir.

Edu: A experiência foi super legal.

Laiz: O ateliê estava sempre lotado, eu achava que não ia ter ninguém, que vergonha, ele sempre vai estar vazio, vou ficar fazendo o que o dia todo. Mas não, ele estava sempre lotado.

Edu: Uma coisa que lembrei agora, que você falou da onde surgiu. Uma primeira história que aconteceu comigo, foi que na época eu trabalha com artes visuais nos projetos piás, chamava linhas do conhecimento. Nós íamos nos projetos, eu era da parte das artes visuais e haviam outras linhas. Eu ia lá um mês, e trabalhava um tema relativo a uma exposição que a gente ia levar no final. A gente ia na exposição, seila, *Zimmermann* e qual material, quais as formas que ele trabalhava. E a gente trabalhava esses conceitos por um mês e ia lá ver.

E então teve a Primeira Bienal de fotografia nessa época, tiveram duas até hoje. Quando teve isso, eles pegaram a gente (pessoas que trabalhavam no projeto piá) junto com alguns profissionais; prepararam a gente, mostraram algumas coisas de fotografia. Na época eu já fotografava amadoristicamente, então eu sempre tive contato. Mas então eles deram algumas técnicas pra gente aprender, e nós ficamos esse um mês dando lá, pra levar eles na Bienal. Talvez ali foi uma raiz muito mais antiga. Algumas das técnicas que eu aprendi, vieram de lá também. Mas o projeto mesmo, começamos bem depois

Eu: Que ano mais ou menos vocês iniciaram o projeto?

Edu: 2013, vamos dizer que o projeto começou mesmo a partir do Projeto 21, saí do site, criou um corpo e um propósito.

Eu: E o propósito de vocês então, é?

Edu: É cultivar o olhar deles, não mudar, porque na verdade eu acho que eles já têm. Eu lembro das minhas brincadeiras com a luz: ir na casa da minha avó, ver as cores, as percepções de claro e escuro, da cor da luz do banheiro, de outro banheiro. E isso eu trago pra hoje. Então eu acho que nós vamos fechando. Eles já têm esse olhar, e nós tentamos valorizar isso e trazer algumas técnicas de fotografia que reforçam isso. Então é casar o que eles têm. Valorizar isso.

O que é feito, geralmente é assim: uma criança está desenhando na borda do seu caderno, você vai pra diretoria. Porque isso é indesejável. Então nós tentamos não fechar as possibilidades, sim desenhe! Às vezes nós também chegamos com a proposta e ela toma outro rumo. “Ah, não é exatamente isso que eles querem”.

Laiz: Como por exemplo, já chegou, por exemplo, a gente preparar toda uma aula pra falar, era uma semana dos índios. E a gente trouxe um livro sobre retratos de índios, e aí a gente começou a mostrar pra eles o que eram índios de verdade, e eles ficaram achando fantásticos. Então nós ficamos a aula inteira encima dos índios, falando dos índios, da cultura indígena. O Edu já ficou um tempo dentro de uma aldeia indígena, então as crianças perguntavam mesmo o que era real, “eles fazem isso aqui?; aquilo ali?;, não!; é mentira! ” Então aí a aula de fotografia foi muito mais observar os próprios índios, porque era o que a escola estava emanando.

Edu: É isso, ter essa maleabilidade. Às vezes você estica uma coisa que aquela coisa está acontecendo e eles estão se envolvendo.

Laiz: Contextualizar com a necessidade deles. Quando eu criei a proposta, o fundamento da oficina quando fomos apresentar no Projeto 21, é isso, a criança vem e trás coisa pra gente. Não é só a gente chega e fala tudo, tem horas que a gente trás uma coisa, mas tem hora que não, a criança vem pra gente e vamos entrar no dela, vamos para o mundo deles, e a gente vai trazer o que eles querem.

Edu: Essa do ampliador, eu podia trazer montadinho; deixar fechado, abre, monta e pronto. Seria uma coisa já legal também! Mas assim, você viu, o ato de construir assim como um quebra-cabeça, eles estão vendo do que ele é formado; ele entendeu que a luz vem, atravessa, transpassa aquilo e joga pra fora. "Nossa tem lentes lá dentro, tem pedaços lá dentro, tem uma cabeça". É o ato de brincar, de você montar um quebra-cabeça. Você destrinchar uma coisa que poderia chegar e "apaga a luz, acende a luz"; "contorna aqui", vamos embora.

Laiz: Nós fizemos a reconstrução de um livro inteiro, de criança. O "O Ratinho, o Morango Vermelho Maduro e o Grande Urso Esfomeado". E a gente pegou esse livro e reconstruiu com eles sendo os personagens, ele era ratinho. Eles faziam até a carinha. Nós pegamos os fundos, cortamos, montamos. E agora vamos fazer a última parte, que vamos remontar o livro com eles; com eles no lugar do ratinho e vamos apresentar para eles se verem na história.

Mas foi todo um processo, primeiro fomos na biblioteca, "vamos sentar aqui, fazer uma votação do livro que nós queremos, esse sim, esse não", contei a história algumas vezes para eles escutarem e se familiarizarem.

Edu: É o roteiro né, porque é como se fosse uma fotonovela. Como se divide essa história, quem é o personagem principal, onde está localizado, qual a expressão dele...

Então, como na verdade, como a gente está brincando, nós pegamos do teatro, nós emprestamos um pouquinho de cada área. Nós não nos dizemos teatro, mas pegamos um pouquinho de lá, pega uma coisinha do modelo.

Laiz: Eu tenho formação em teatro. Cinema. Meu ensino médio foi teatro no CEP. Acho que agora voltou Artes Cênicas lá. Ficou anos sem, e agora voltou, eu acho.

Edu: Então, nós pegamos as Artes Visuais também, o desenho. Porque por exemplo, ele vai fazer uma foto disso aqui, aonde ele vai gravar? Na memória dele, no cartão de memória dele! O cartão de memória dele está aqui (aponta para a

cabeça), e como que ele vai passar essa foto? Então nós utilizamos muito o desenho como maneira dele imprimir sua própria foto

Laiz: E nós acabamos trazendo outras formas das artes visuais também. Como o carvão, pintura com aquarela, várias técnicas de pinturas diferentes. Então a gente vai fazendo com que misture tudo, desde teatro à desenho.

Edu: Então, a fotografia é o tema e o que a gente sentir necessidade de usar para chegar no resultado, nós pegamos! A fotografia é brincar com a imagem, é brincar com a luz, é brincar com o que você quiser. É essa liberdade.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA
**TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO DA ENTREVISTA CONCEDIDA PELA
PROFESSORA LS DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL SEMEADOR DO
SABER.**

Eu: Como vocês usam as fotos na documentação?

Entrevistada: Então, essas aqui nós tiramos proposital para a documentação, de cada projeto que nós fechamos. Contamos como foi o processo de adaptação e selecionamos algumas fotos para poder descrever com imagem o movimento.

E então nós temos muitas fotos. E nós usamos no final do ciclo da criança no Semeador, como fotos para a formatura deles. Esse ano vai acontecer uma formatura. É um vídeo com a linha do tempo desde que ela chegou até como ela está no momento. Começa com a foto dele bebezinho com aquela carinha e depois ele com seis anos.

Eles levam todos os nossos relatórios que nós escrevemos ao longo do ano, contando o que ele fez naquele ano, o que ele iniciou, qual foi o projeto. Mais ou menos esses projetos nós descrevemos de outra forma. São sete projetos por ano, eu acho. Aí você junta todos ao longo dos anos que ele vivenciou no Semeador e ele leva embora. Como se fosse um TCC, uma conclusão do que ele passou aqui nesses anos.

Então, nossas fotos são mais ou menos assim, contando os projetos, como acontece, como é pensado, como se fosse um diário da turma. Esse aqui é da turma desse ano; daí eles escolheram vir de dia do punk, foi dia 13, sexta-feira 13. Aí eles vieram com roupa punk para poder comemorar o dia.

Eu: E você trabalha a fotografia com eles em sala?

Entrevistada: Não, nós utilizamos a fotografia para registro. Tem muita fotografia para registro. Tem fotografia que nós utilizamos para registro, e tem fotografia que.... Que na verdade eles usam muita fotografia para por no site e nos outros lugares e para registro e para montar portfólio.

Eu: E então vocês tiram e mostram para eles em algum momento ou só no final do ano?

Entrevistada: Às vezes sim ou só no final do ano. Porque nossa, é muita foto!

Olha, no começo do ano eles faziam pose, agora eles já não fazem mais pose. Nós podemos parar o que estamos fazendo e fotografar que eles não posam para as fotos. Então eles são bem tranquilos nisso. Só quando a gente pede “olhem para cá”, se não é natural.

A gente registra às vezes não só as crianças, nós registramos mais as atividades. Porque a gente não pode publicar ou usar nada que tenha o rosto deles.

Com eles nós não trabalhamos a fotografia, isso vem da oficina. Nós trabalhamos algumas outras coisas, mas não a fotografia.

Eu: você vê alguma diferença entre as crianças que participam do projeto para as que não participam?

Entrevistada: É complicado porque participam muitas crianças pequenas né. Igual quando a Laiz trabalha no projeto o olhar e algumas técnicas, alguns maiores falam, mas eles não demonstram à tarde. Muitas coisas que o Edu passa ali eles não falam, eles não trazem para a tarde. Só se eu estivesse junto. As vezes que eu participo de uma oficina, vejo alguma coisa que eles falam ali. Igual semana passada ele estava falando de cores, luz e sombra. Aí você toca no assunto e alguns falam, porque a minha turma em si, tem poucas crianças que participam. Eu tenho 17 alunos e um participa sempre e outro vem uma semana sim e outra não. Então são só dois.

Eu até comentei com eles que o projeto de fotografia é bem legal, mas precisaria ser no turno da tarde ou às vezes para um grupo só.

Eu: Você observa algum desenvolvimento a mais alguma coisa a mais, nas mesmas atividades, no dia-a-dia.

Entrevistada: Porque o que que nós trabalhamos, nós trabalhamos muito o visual com eles também. Nós temos câmeras que não funcionam, ou nós damos a nossa própria câmera para eles fotografarem, então nós trabalhamos muito isso com eles. Além da fotografia. Nós fazemos aquele monóculo, binóculos; fazemos desenhos de observação, então nós trabalhamos isso com eles em sala de aula. Mas fora da fotografia, porque nós não somos um conjunto com eles. O projeto é a parte.

É uma coisa que a escola trabalha bastante assim, nós fazemos desenhos de observações. Usam os diferentes tipos de materiais, é tinta ou é carvão, lápis, giz, então tem bastante essas coisas.

Eu: então acaba complementando mesmo sem querer

Entrevistada: Porque o deles nós olhamos e é bem mais técnico, é luz, sombra, lente não sei o que, é a posição que você está. É tudo né. O que eu falei para eles, vocês precisam ter um projeto para a tarde, porque nós trabalhamos dentro do nosso entendimento, no nosso dia-a-dia. Não trabalhamos a fotografia, mas fazemos algumas outras coisas.